CAPÃO BONITO NA REVOLUÇÃO DE 32



Flagrante do momento da partida de um grupo de combatentes do Batalhão 14 de julho, em Capão Bonito/ SP, em setembro de 1932, durante a Revolução Constitucionalista. Imagem do acervo do Professor Paulo Camilher Florençano /Arquivo Felix Guisard Filho. Imagem e informações também do acervo da Fundação Energia e Saneamento.

*Foto tirada na esquina da Rua General Carneiro c/ Rua Campos Salles, no centro de Capão Bonito/SP.

Por Rafael Ferreira de Almeida

Ficha Técnica

Autor

Rafael Ferreira de Almeida

Digitação e Revisão de Texto

Rafael Ferreira de Almeida

Capa

Lucas Costillas @costi.designer

Diagramação Ana Flávia Corrêa

Impressão e Acabamento



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Rafael Ferreira de Capão Bonito na Revolução de 32 / Rafael Ferreira de Almeida. -- Capão Bonito, SP: Gráfica Regional, 2025.

Bibliografia. ISBN 978-85-65703-77-2

1. Brasil - História 2. Brasil - História - Revolução de 1932 3. Capão Bonito (SP) - História I. Título.

25-283273 CDD-981.0621

Índices para catálogo sistemático:

 Revolução Constitucionalista : Brasil : História 981.0621

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Apresentação e agradecimentos

Publicamos este livro abordando os acontecimentos da Revolução de 32, tendo como recorte a cidade de Capão Bonito. Trata-se de uma pesquisa contendo transcrições de livros, oralidades da comunidade e opiniões pessoais.

Nasci em Capão Bonito em 1.985 e aqui estudei, passando pela Escola Jacyra Landin Stori e colégio Dr. Raul Venturelli. Sempre ouvi histórias na cidade de que houve um "tempo de guerra", que foram dias difíceis para o município e para o Brasil. Presenciei também iniciativas locais de pesquisadores, professores e jornalistas a respeito dos acontecimentos da Revolução de 32 na cidade de Capão Bonito. Por tais motivos, elaborei esta pesquisa coletando fatos do que ocorreu nas terras gameleiras.

Agradeço àqueles que contribuíram nesta empreitada. À minha esposa, Erika Carabeli e sua família, onde tive acesso aos testemunhos indiretos dos impactos da guerra civil; ao Wagner de Oliveira, Major do 54º Batalhão da Polícia Militar, entusiasta do assunto e colecionador de vários artefatos e livros raros sobre a Revolução de 32, do qual tive acesso para transcrever alguns episódios, também disponibilizou dois artigos de sua autoria publicados no jornal "O Expresso", além de ter iniciado a transcrição dos relatórios do Padre Antonio Brunetti; ao professor Antonio Ozi, pela dedicação e garimpo de imagens históricas da Revolução de 32, bem como assíduo colaborador do "Museu da Imagem Freguesia" onde compartilhou os telegramas que encontrou no arquivo digital da FGV sobre a guerra; ao professor Carlos Eduardo Souza Queiroz, que compartilhou duas edições do jornal "O Bandeirante" de 1.986, contendo artigos de autoria de Joaquim Raimundo Gomes, que foi uma liderança política que viveu aqueles dias de 1.932 na cidade de Capão Bonito; ao professor Juraci Chagas, que compartilhou uma crônica sobre o tema e será transcrito neste livro; ao Prefeito em

exercício, Dr. Julio Fernando Galvão Dias e a toda equipe da Diretoria de Cultura da Prefeitura Municipal de Capão Bonito, bem como ao diretor do departamento, professor Alexandre Mendes. Agradecimentos ainda ao canal "Agora TV Fly", no voutube, pela série "Giro pelos Bairros", com o apresentador Elcio Oliveira, onde fizeram um trabalho fantástico de filmagem e resgate de histórias nos bairros Apiaí Mirim e Taquaral Abaixo. Agradeco ao Diretor do jornal "O Expresso", Marco Citadini, pela disponibilização pública e digitalização do acervo de jornais da década de 20 e 30 que circularam em Capão Bonito, onde encontramos uma edição sobre os acontecimentos locais da guerra civil; ao canal "Reverse 32", no voutube, pelo vídeo "Registros da Revolução 1932 em Capão Bonito", produzido pelos professores Maria Janice e Valdeir da Costa Lobo junto com os alunos da "E.M. Governador André Franco Montoro", onde entrevistaram moradores do bairro dos Pedrosos e Tomés. Ao amigo Luciano Baixinho, por indicar algumas histórias do bairro Apiaí Mirim; à todos que eventualmente conversaram a respeito deste tema tão rico e cheio de nuances históricas.

A publicação deste livro só foi possível pelo financiamento oferecido pela Lei Aldir Blanc.

APOIO:

Realização





MINISTÉRIO DA CULTURA



Sumário

Capão Bonito na Revolução	7
O impacto da Revolução de 32 no cotidiano capão-bonitense	13
Impactos da guerra civil no bairro Cordeiros	21
Ocupações em Ribeirão Grande	25
Ocupações no Ferreira das Almas	29
Grupo Escolar: Alojamento dos soldados e Hospital Cirúrgico	32
O Hospital de Guerra dos Paulistas	35
O espião que enviava informações para Capão Bonito	41
Um diário não mente	43
Batalhas no Apiaí Mirim	51
Afrodescendentes em batalhas Capão Bonito-Guapiara	55
A Legião Negra	57
Capão Bonito caiu!	59
Cenas da Revolução: fuga para a Fazenda do Candoca	65
Getúlio Vargas manda atacar Capão Bonito	67
Taquaral Abaixo: a última trincheira	71
"Um tiro pela culatra", crônica do prof. Juraci Chagas	75
"BarBaridade", crônica de Cornélio Pires	79
A Revolução Constitucionalista de 1.932, artigo de Joaquim Ra	aimundo
Gomes	81
Padre Antonio Brunetti	85
O Batalhão Come Vaca e os irmãos Maia (Candoca e Zeca)	91
Justiça tardia a um herói paulista, artigo de Wagner Oliveira	93
Cruzes do Sul, artigo de Wagner Oliveira	97
Exumação de soldados constitucionalistas	101
Referência Bibliográficas	103

Capão Bonito na Revolução de 32

As memórias da guerra civil são presentes no cotidiano capão-bonitense e a oralidade é sempre uma via para captar os acontecimentos. Muitos falam do que ouviram de seus pais e avós. Alguns ainda guardam em suas casas, munições que ficaram encravadas no solo gameleiro, balas encontradas nas antigas trincheiras.

Certa vez, em propriedade rural de uma empresa extrativista de madeira, encontraram uma granada soterrada, a qual foi trazida para o Batalhão da Polícia Militar em Capão Bonito para desmonte e detonação.

No "Museu Coronel David Carneiro", em Curitiba/PR, há um cadastro de "estilhaços de bomba de avião paulista no bombardeio (único havido) de Capão Bonito. Foram jogadas 8 bombas, destruindo 4 casas".

Naqueles tumultuados dias de 1.932, Capão Bonito fervilhou. Lideranças municipais, simpatizantes do movimento constitucionalista, acompanhando as manifestações simultâneas em cidades paulistas, por ocasião do aniversário da Constituição de 1.891, também promoveram um evento cívico no coreto da praça Rui Barbosa, que foi abrilhantado pela Corporação Musical "7 de Setembro" e com líderes políticos fazendo uso da palavra, pedindo uma Constituição e a saída de Getúlio Vargas do governo.

Capão Bonito virou uma praça de guerra, um distrito militar, tendo intensa movimentação bélica das forças constitucionalistas até a chegada das tropas federais de Getúlio Vargas. Nas palavras do soldado Oswaldo Ribeiro Junqueira "alcançando Capão Bonito o Cap. Alfredo Feijó assume o comando militar da praça."

Do ponto de vista militar estratégico dos constitucionalistas, a cidade era o ponto de fluxo das tropas para atacar o flanco e a retaguarda do exército ditatorial.

No diário pessoal do soldado Cilineu, voluntário do Batalhão 14

de Julho, que fazia patrulha entre Capão Bonito e Guapiara, relatou que "a estrada é movimentada, cavaleiros, caminhões, peões, passam a cada instante. Tem-se que pedir salvo conduto. É bem aborrecido. Epaminondas foi levar à cadeia um caminhão que não tinha ordem de passar".

Alguns dias após a deflagração da Revolução Constitucionalista, como relata Dilermando de Assis no livro "Vitória ou Derrota?", unidades militares do movimento constitucionalista, composta por 1.200 soldados, já estavam instaladas no município, além de outros soldados que haviam passado por aqui rumo à Guapiara, Apiaí e Ribeira.

"Dizem uns que vamos para Capão Bonito; outros, para Buri. Nada de positivo", escreveu o soldado José Pacheco, em meados de julho de 1.932.

O jornal capão-bonitense, "A Gazeta", de 21 de julho de 1.932, publicou um Edital da Junta de Alistamento Militar, que era presidida por Emilio Severgnini, no qual convidava os reservistas do município a comparecerem com urgência para receber os devidos passes para se incorporarem às suas respectivas unidades.

Este jornal local também noticiou o primeiro encontro dos constitucionalistas com a tropa ditatorial de Getúlio Vargas na cidade de Ribeira, onde houvera prisões de adversários. Entre outras notícias, deu um informe de que os trabalhos do Júri no Forum de Capão Bonito ficariam suspensos.

Na data de 22 de julho de 1.932, encontramos no diário do soldado voluntarista, Mario de Barros Messias, afirmando que, quando estava nas trincheiras de Buri "outras unidades que iam chegando de Itapetininga e Capão Bonito iam abrindo trincheiras e logo foi organizada uma forte linha de frente (aproximadamente 5000 homens).". Infere-se deste relato que muitos soldados chegavam e se alojavam em Capão Bonito, partindo posteriormente para as trincheiras de Buri.

Em 25 de julho de 1.932, no diário do soldado Aurelio Stievani, este relata as filas de caminhões que aqui chegavam: "Preparação para subir para Capão Bonito. Era bonito de ver-se a linha de caminhões na estrada. Cheios de soldados, mantimentos, munições etc, dava-me a impressão de ver The Big Parade".

Neste mesmo dia (25 de julho), há o relato de Oswaldo Ribeiro Junqueira, no livro "Regimento de Cavalaria do Rio Pardo" de que "caminhões saiam a todo momento e às dezenas, cheios de soldados

entusiasmados, que vivavam continuadamente seus Batalhões, São Paulo e Mato Grosso, rumando para Capão Bonito e Buri, onde estavam iniciando nossas linhas de resistência, ao inimigo que avançava, após ter rompido a frente de Itararé."

Em sequência, no dia 27 de julho, o soldado Mario Messias, narra em seu diário que, ao se retirar de Buri "(...) nessa enorme confusão e quase sem comando retiramo-nos a pé em direção a Capão Bonito, nessa oportunidade acompanhamos o 1° pelotão da 3° companhia do batalhão 14 de Julho, justamente com o Durvalino e outros. Depois de longa caminhada fizemos um rápido repouso em um sítio onde conhecemos algumas "pessoas" e seguimos para Capão Bonito onde nos juntamos com o batalhão 14 de Julho. Depois de uns dois a três dias em Capão Bonito onde depois de um rápido reajuste na recomposição dos soldados e materiais bélico, marchamos para Fundão."

A partir do dia 31 de julho de 1932, o prédio do Grupo Escolar, atual "Escola Jacyra", deixou de ser hospedaria dos soldados e se transformou em hospital de guerra, como vemos no diário de campanha do soldado Cilineu: "Mudamos de alojamento. Passamos à 2.ª Companhia para o prédio do Capão Bonito Clube e estamos bem. O grupo será transformado em hospital de sangue".

Em 2 de agosto, ainda escreveu o soldado Cilineu que "Há um movimento de tropas, de caminhões etc. Acaba de chegar a luzida cavalaria de Rio Pardo". A Cavalaria de Rio Pardo atuou intensamente, para conter as tropas federais, nos bairros Apiaí Mirim, Proença e Fundão. No livro "Palmo a Palmo" do Capitão Alves Bastos cita-se que "(...) à sua esquerda, tênue cortina da cavalaria Rio Pardo que, já agora retomada em mãos pelo comando, vigiava o curso do Apiaí Mirim, desde Proenças até a sua foz. Esses núcleos de resistência estava, pois, demasiadamente exposto a um golpe do inimigo. E deslocado ele, a configuração do terreno levar-nos-ia à condenação inevitável de Capão Bonito com o retraimento de toda a nossa esquerda para o curso do rio das Almas."

O soldado Oswaldo R. Junqueira, conta que no dia 2 de agosto de 1.932, quando chegaram na cidade "encontramos 1000 homens de nossa Infantaria, alguns em descanso das linhas de frente, outros que aprestavam sua partida para Guapiara e Ribeira".

A cidade de Capão Bonito, após a tomada de Itararé e Buri pelas tropas ditatoriais de Getúlio Vargas, se transmutou na sede principal do movimento constitucionalista, devido a localização estratégica do

município, um nó de comunicações, que poderia dar acesso rápido às cidades de Itapetininga até a capital.

Enquanto se travavam combates nos fronts de Ribeira, Guapiara, Apiaí, Buri, Fundão e bairro rural Apiaí Mirim, era em Capão Bonito que chegavam os feridos de guerra. No prédio do Grupo Escolar, hoje popularmente conhecida como "Escola Jacyra", foi instalado o Hospital Cirúrgico, onde foram atendidos mais de dois mil soldados.

O prefeito da época, Emílio Severgnini, nomeado pela Legião Revolucionária Paulista, determinou que se fizesse manutenção em uma pista de pouso para aviões, no bairro Bela Vista.

Apesar do turbilhão que se passava na cidade, o soldado constitucionalista José Pacheco escreveu em seu diário que entre as idas e vindas "(...) Por volta das 14 horas divisamos, com incalculável prazer, a torre da igreja e Capão Bonito. Avistamos as primeiras laranjeiras, os primeiros quintais cercados por enormes muros de taipas. Que alegria imensa sentimos transbordar de nossos corações ao entrarmos novamente na velha e amiga cidade. Depois de tantos sustos e perigos, parece que voltamos para casa. Parece que vamos deixar a guerra para gozar a vida despreocupadamente "à sombra dos laranjais".

Por outro lado, a Revolução também impactou a vida dos moradores de Capão Bonito. Foi uma tragédia social. Famílias abandonaram seus lares para fugir da guerra, os retirantes gameleiros. Há informações de que num sítio, vinte e sete famílias procuraram abrigo e acabada a comida, retornaram desolados à cidade.

Houve ainda, cidadãos capão-bonitenses que ajudaram a resistência paulista, como o caso da família de "Seu Domingos", que moravam em frente ao prédio do Grupo Escolar e foram contratados para cozinhar e lavar as roupas da tropa.

Houve também o "vaqueiro" que ajudou a cavalaria constitucionalista a fugir, por picadas na mata, para a Serraria do Candoca, como contou o Coronel Alfredo Feijó: "(...) Lembrou-se, repentinamente, o coronel Feijó de que um vaqueiro, pouco antes daquela contingência, havia pedido para integrar as forças constitucionalistas. Mandou chamá-lo. Poderia ser útil. E por intermédio dele descobriram uma picada no meio da mata, rumando para a Serraria do Candoca. Mas os caminhos eram difíceis. Súbito, um atoleiro sustou a marcha dos cavalarianos. Horas se passaram até que o último cavalo atravessasse aquele perigoso campo aberto. Foi nesse momento que a tragédia se consumou" (em entrevista

para o jornal O Estado de S. Paulo, em 9/07/1959, publicada sob o título "Missões de cavalaria nos combates do oeste").

Ou ainda a ajuda do "caboclo João Julio, conhecedor velho do lugar, descemos novamente as margens do rio, em observações", citado pelo soldado Oswaldo Junqueira, quando da vigilância no Rio Paranapanema.

Também nesta pesquisa, recolhemos algumas passagens do diário do soldado Cilineu Braga Magalhães, escrito em solo capão-bonitense, onde descreveu o clima, as adversidades e o áspero cotidiano daqueles dias que passou por aqui, até o dia de sua captura, às margens do Rio das Almas, quando foi assassinado covardemente, pelas costas, por um soldado exaltado das tropas ditatoriais.

Boa leitura!

O impacto da Revolução de 32 no cotidiano capão-bonitense



Na foto acima, datada de 25 de agosto de 1936, do acervo digital do Museu de Imigração do Estado de São Paulo, vemos adultos e crianças convivendo calmamente no centro de Capão Bonito.

Pelas sombras dos prédios, é possível inferir que o relógio da Igreja Matriz indica um horário depois do meio dia. Ao lado direito, uma hospedaria. No cruzamento da rua, uma bomba de combustível instalada para abastecimento de veículos. Atualmente é a esquina da Rua Floriano Peixoto com a Rua 24 de Fevereiro.

No entanto, essa calmaria captada no retrato era recente pois, quatro anos antes, durante a Revolução de 32, o cenário capão-bonitense era outro: queimadas bélicas, as garoas peneiradas de agosto, o homem retornando ao barro pelas casas-trincheiras, ronco dos canhões, arames

farpados esticados, estilhaços e corpos ensanguentados, voos rasantes de aviões em reconhecimento e ataque, metralhadoras ditatoriais. Era a vida da população civil sendo impactada profundamente.

Há um relato no livro "A Epopéia", do soldado constitucionalista, Aureo de Almeida, sobre a paisagem urbana e a dramática fuga dos retirantes capão-bonitenses durante a Revolução:

"Domina a cidade a torre da igreja grande, da qual se descortina o mais comum, porque é um só, dos panoramas da região: campos em terreno levemente ondulado, um capão de mato ali, outro mais adiante (...) A riqueza consiste na criação de animais de tropa e galinhas. Capão Bonito é a melhor fornecedora de frangos e ovos do Mercadinho de Pinheiros. Boa notícia para os soldados.

Guarda na estrada de Buri. Guarda na estrada de Guapiara que vai a Ribeira. Guarda na estrada Itapetininga – Capão Bonito.

A cidade, logo após a chegada da tropa de Buri, é abandonada pelos moradores. Dois dias depois, porém, começam a chegar aos poucos, com desconfiança, os pobres retirantes que nas fazendas onde se haviam homiziado, acabavam de esgotar os poucos recursos de que as mesmas dispunham. Só em um pequeno sítio, procuraram abrigo 27 famílias.

O espetáculo do abandono impressiona pelo pavor que os retirantes apresentam nos menores gestos, nos passos, nos rostos. E um vazio desolador vai ficando para trás... As famílias mais numerosas vão, molemente, arrastando os filhos pelo braço, em cima da cabeça uma trouxa, talvez protegendo a única economia. O chefe, pobre homem, carrega a sua miséria, que é a própria família. Poucos os que possuem um porco, uma ou duas galinhas, assim mesmo escondidos ao olhar dos guardas.

Homem retirante, escuta! O soldado do 14 sabia que aquela trouxa escondia um frango, dois frangos, talvez ovos. Que o teu leitão era carregado

embrulhado no cobertor miserável, nada escapava à vigilância obrigatória. Saiba, retirante, que ao soldado do 14 bastava dolorosamente a tua miséria. ele não mancharia as mãos metendo-as dentro da tua pequena reserva, dos teus filhos. O teu infortúnio também lhe tocava, a ele que ali estava para a defesa dos teus frangos, da tua família. O soldado do 14, uma vez ou outra, aliviava um quintal, é verdade. Nunca, porém, o teu quintal, isso nunca! Lembra-te sempre, retirante, de que o pão que a tua mulher guardava para os filhos foi dado pelo soldado, ao passares pelos moços da tua terra. Lembra-te, não para agradeceres a corriqueira generosidade que o sentimento do coração paulista obriga, mas para que o tenhas sempre em mente, de que o soldado que te defendia queria partilhar do teu pesar, da tua miséria, queria que a tua família também o visse sujo, magro, que o pão se apresentasse como a comida comum, de todos, ligando sentimentos iguais, que eles eram iguais, paulistas. E voltaste dois dias depois, retirante, e a tua família já agora sorri!

Fartura de laranja por todos os lados, em qualquer quintal. Arroz, feijão, carne ensopada, farinha. Pão bem feito. Água de poço. Banhos pagos no hotel. Banhos grátis são os córregos. Despe-se a gente, lava a roupa de baixo e banha-se, a seguir. Um banho frio, gostoso, quase dá para nadar. A roupa está enxuta e cheia de formigas saúvas, as que vão matar o Brasil."

Por outro lado, alguns moradores de Capão Bonito ajudaram os constitucionalistas. Na batalha do Fundão, quando o batalhão paulista, em ordem de retirada para a área urbana da cidade, apareceu "(...) um caboclo esbaforido conta que a cavalaria inimiga está passando grandes efetivos no flanco esquerdo." ("Livro Epopeia").

Em passagem no livro "Botucatuenses no Setor Sul", Sebastião Pinto afirma que quando estiveram em patrulha perto do bairro Ferreira das Almas "(...) a noite, atingimos um lugar chamado Serraria. Então tomamos uma refeição quente, gostosa (arroz, feijão e pão). Os poucos

moradores, pobres trabalhadores, foram gentis e camaradas. Estávamos com fome, cansados e tiritando de frio. Chovera o dia todo. Uma chuvinha peneirada, continua, irritante."

Como descrito, apesar da Revolução ter impactado negativamente a vida dos civis, alguns acabaram colaborando, de alguma forma, à causa constitucionalista.

No livro "Cruzes Paulistas" há o relato da morte de um soldado que era nascido em Capão Bonito:

"Franciso Floriano Rodrigues: 9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública) - Exército Constitucionalista do Setor Sul - O 9° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública foi embarcado para o sul do Estado a 12 de Julho, tomando parte nos diversos combates travados no setor Itararé-Itaporanga, onde perdeu o soldado n° 95 da 1° Companhia Francisco Floriano Rodrigues, morto instantaneamente por tiro de fuzil. Dados Biográficos — Nasceu Francisco Floriano Rodrigues em Capão Bonito a 10 de Junho de 1905. Filho do Sr. Vicente Souto Rodrigues e de D. Amelia Floriano Rodrigues, era casado com D. Divina Leme Rodrigues e tinha uma filhinha de nome Albertina. Sua fé de oficio na Força Pública era muito boa, tanto no 9° como no 4° Batalhão de Caçadores Paulista, a que pertencera anteriormente."

Também há informação de que Pedro Lara Dante, jovem de 22 anos, filho do ex-prefeito de Capão Bonito, Estevan Dante, participou como soldado voluntário, indo à cidade de Ribeira para ajudar os constitucionalistas.

Outra história louvável é o caso das dezesseis mulheres que passaram a servir uma merenda para os soldados que se alojavam na cidade. O nome do projeto voluntário foi batizado de "O Café do Combatente", o qual foi amplamente divulgado pela imprensa local, pelo jornal "A Gazeta", que tinha como diretor Waldomiro Gurgel. Eis a notícia publicada em 21 de julho de 1.932:

O Café do Combatente

As moças de Capão Bonito, no intuito de cooperar embora modestamente, para a realização do alto ideal paulista da reconstitucionalização do Brasil resolveram organizar "O CAFÉ DO COMBATENTE".

Esta organização consiste em instalar em um ponto central da cidade, um posto onde seja oferecido gra-

tuitamente, aos soldados de passagem por aqui, uma xícara de café com qualquer outra merenda.

Para esse fim, uma comissão de moças pedirá pequenos donativos ao comércio e as casas particulares desta localidade, a fim de ser logo iniciado o serviço do café ao combatente, que será efetuado pelas próprias moças.

Assim, espera a comissão, que o combatente de passagem pela cidade, levará o conforto de sentir que parte acompanhado pelo carinho e os cuidados da MULHER PAULISTA.

Capão Bonito, 20 de julho de 1.932

A COMISSÃO: Analia Bouffier, Adilia Bouffier, Arthulivia M. Venturelli, Adelia Pacheco, Philomena Ramos, Beatriz Araújo, Maria A. Araujo, Iracema Carpinelli Camargo, Maria Clara de Castro Rosa, Ofelia Barreto, Nair de Souza, Ismenia Venturelli, Honorina Silva Costa, Eneida Gurgel e Antonia Gabriel de Moura.

Continuando nossa história, há o cidadão "Alemão Alexandre", que era vigilante da serraria do Candoca e veio de automóvel do Correio Militar para a área urbana de Capão Bonito avisar os soldados paulistas que tinha visto no dia anterior alguns soldados perto da serraria e que seriam das tropas federais de Getúlio Vargas.

"Um vaqueano da região, seria o guia, por meio dos trilhos e carreadores, na mata e nos campos", escreveu um soldado em seu diário.

Outro relato é de quando a tropa de cavalaria paulista chegou no bairro Apiaí Mirim e alguns moradores permaneceram e fizeram amizades:

"(...) Uma parte da população da vila, a outra já a havia abandonado, refugiando-se nos matos da vizinhança, recebeu os soldados paulistas, a principio desconfiada, mas logo entrou em camaradagem, pois os soldados do Regimento a tratou com especial deferência e respeito" (Livro "Regimento de Cavalaria do Rio Pardo, de Oswaldo Ribeiro Junqueira").

Enquanto as tropas paulistas permaneceram em Capão Bonito de forma pacífica, o temor da comunidade em relação a guerra civil era menos intenso. Apesar de estranhar a movimentação bélica, muitos permaneceram na cidade até a chegada das tropas gaúchas, momento em que quase todos fugiram.

No livro "Revivendo 32", o soldado José de Assis Pacheco relata que, enquanto ficou em Capão Bonito "o seu João do "Hotel Comércio" não tem mãos a medir. O 14 em peso prefere os seus frangos à intragável carne seca do Tenente Artur."

Por fim, acabada a guerra, alguns ex-combatentes, acompanhado de familiares, montaram uma comitiva e retornaram à Capão Bonito, para trasladar os corpos de alguns voluntários do movimento constitucionalista que foram enterrados em solo gameleiro.

No relato de Fernando Penteado Médici, no livro "Trem Blindado", ele descreve a forma desconfiada de como foram recepcionados pelos moradores da cidade:

"(...) que aqueles pobres caboclos, que voltaram ansiosos e contentes, para os seus lares remexidos pelos soldados e mirados pela artilharia e aviação, olhando-nos desconfiados" (...) "contaram-nos os moradores de Capão Bonito coisas horrorosas do efeito que produzia neles a nossa aviação".

Transcrevemos parte do capítulo do mencionado livro "Trem Blindado", que dá detalhes da vinda da comitiva para Capão Bonito:

"Depois da revolução

Voltamos aos mesmos lugares em que combatemos, em fins de Outubro, para a transladação dos corpos dos bravos voluntários do 14 de Julho, Ari Carneiro Fernandes, Argemiro Alves Silvestre e Paulo Bifano Alves.

Foi nos fins de outubro. Já não se falava tanto em Revolução.

Tínhamos que partir novamente para os mesmos lugares, em que, um mês antes, combatíamos; iriamos buscar uns companheiros mortos, no dia 18

de Setembro, no Cerrado, e que só agora tínhamos certeza de seu falecimento.

(...) Volvemos com uma emoção indescritível às trincheiras que defendíamos mês antes.

Vimos aquela terra revolvida pelas granadas. Vimos aquela terra revolvida pela picareta.

Vimos o nosso solo fertilizado pelo sangue generoso de nossa mocidade.

E depois aqueles pobres caboclos, que voltaram ansiosos e contentes, para os seus lares remexidos pelos soldados e mirados pela artilharia e aviação, olhando-nos desconfiados.

Precisávamos ver as trincheiras inimigas: boas e bem feitas. Muita munição pelo chão...muito nome pelas árvores.

O que é isso: abrigo para aviação. Em todo canto o inimigo fazia subterrâneo para se defender dos arrojados Gomes Ribeiro.

Contaram-nos os moradores de Capão Bonito coisas horrorosas do efeito que produzia neles a nossa aviação.

Até o sino da igreja em Guapiara trabalhava para os ditatoriais, avisando a aproximação dos nossos aviões.

(...) No sul, pelo menos, precisamos fazer exceções: não tínhamos muitos aviões, mas os poucos que tínhamos eram conduzidos por verdadeiros heróis.

Certificamo-nos dos cadáveres pelos caraterísticos exteriores. O primeiro foi o acadêmico Ari Carneiro Fernandes... depois, Paulo Bifano Alves e Argemiro Silvestre (...)

Impactos da guerra civil no bairro Cordeiros

Os que viviam no bairro Cordeiros, Pinhalzinho e vizinhanças, quando começaram a ver os primeiros soldados ali passando, que saiam de Capão Bonito sentido Guapiara, além dos aviões em missões de reconhecimento, ficaram muito apreensivos. As famílias procuraram refúgio em outros sítios e como alguns diziam "foram se esconder no sertão". É o que conta dona Olinda Gomes, hoje com mais de 70 anos. A história ela ouviu de sua mãe, dona Gertrudes e da avó Ana Ferreira, ambas viveram o tempo da guerra civil. Com a passagem de sodados paulistas pelo bairro, sentiram que era o início de uma guerra. Foram então se esconder, refugiadas mata adentro, em direção aos Encanados, onde tinham alguns parentes. Conta que dona Ana, sua avó, casada com João, com quatro filhos menores, tendo Gertrudes apenas quatro anos, pegaram alguns mantimentos, puseram no cargueiro e partiram.

A maioria dos moradores dos Cordeiros e vizinhanças têm em suas casas alguma história sobre a revolução. Quando se lavra a terra, para horta ou plantio em geral, muitos encontram munições que ficaram encravadas na terra.

Dona Olinda e seu esposo, seu Anésio, contaram ainda que, na época da guerra, um morador que havia fugido, retornou ao bairro para ver como as coisas estavam, para verificar se sua porca tinha dado cria. Era noite e chegando próximo a um morro entre os Cordeiros e os Cravos, acabou sendo atingido por uma bala e caiu morto ali mesmo. Não se sabe se foi artilharia paulista ou das tropas de Getúlio Vargas pois naquele momento havia um fogo cruzado.

Seu Anésio ainda nos contou que um senhor criava abelhas no bairro e quando chegou ali as tropas gaúchas, disse aos soldados que eram mansas. No entanto, alguns foram picados. Como revide, amarraram o senhor na árvore e o ameaçaram com degola, mas como naquele momento

passou um avião em reconhecimento, os soldados fugiram e deixaram a vítima em paz.

Contaram ainda que um outro senhor foi amarrado pelos soldados gaúchos, não se base por qual motivo e após o término da guerra, passou a ter sérios problemas para lidar com o trauma psicológico do evento, ficando praticamente louco.

A guerra civil foi um episódio triste e impactante para as comunidades rurais, apesar de ter um ou outro que ajudou as tropas paulistas, seja indicando trilhas nas matas, dando informações e até colaborando na abertura de trincheiras junto aos sapadores.

Encontramos no diário do soldado paulista Sebastião Pinto, a seguinte situação naquela região rural:

"24 de agosto de 1.932: Dia feio. Uma chuvinha contínua, impertinente, agravava o frio próprio da região. A tropa marchou uma légua mais ou menos. E acantonou nos "Candidos". Um pelotão foi mandado para os "Cravos", logo mais adiante. Medidas de segurança foram tomadas, pois o inimigo estava próximo, como logo teríamos a prova."

O capitão Alves Bastos, em seu livro "Palmo a Palmo", também menciona esta região rural dos Cordeiros-Pinhal durante a guerra:

"Após um caminhar um tanto à aventura, através de vários quilômetros, atingimos a região de Pinhal onde o terreno foi julgado favorável à constituição da nova barragem. O adversário não nos perturbara seriamente o trabalho e só se revelou por uma patrulha de cavalaria, repelida a tiros pelo elemento que protegia o reconhecimento. (...) Por seu lado o inimigo não viria nesse dia ao contato da nossa posição de acolhimento, mas a sua ação seria impiedosa contra o destacamento de Pinhal e contra Capão Bonito onde seus aviões se engajam a bomba e metralha"

O soldado Dilermando de Assis, integrante do exército federal, descreveu um capítulo em seu livro, chamado "Combates em torno de Pinhal": "O terreno rasgado pela estrada geral Guapiara-Capão Bonito, na região imediatamente ao Sul de Pinhal, era extraordinariamente favorável à defensiva paulista. De um modo geral ascendente e em grandes degraus transversais à direção de nossa marcha, facultava-lhe uma série de posições sucessivas, com amplos campos de tiro e excelente comandamento."

No livro "Cruzes Paulistas" é citado que um soldado, Francisco Prado, do Batalhão de voluntários Fernão Salles, morreu em 24 de agosto de 1.932, no bairro do Pinhalzinho, com um tiro de fuzil no coração. Ainda neste livro detalha-se a morte do soldado Jorge Hansen, no morro dos Candidos, nesta região rural dos Cordeiros: "Defendendo a trincheira do Morro dos Candidos, no município de Capão Bonito, a 18 de Agosto, Jorge Hansen foi alcançado na cabeça por um tiro de fuzil, morrendo instantaneamente. O capitão Manoel Mendes Filho, em homenagem a bravura que ele havia demonstrado em todas as lutas, retirou o seu corpo do local onde cairá, para trazê-lo a Capão Bonito, onde lhe foi dada a sepultura."

Ocupações Militares em Ribeirão Grande



Praça Bom Jesus, anos 40, Ribeirão Grande (acervo: Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC)

Antes da retirada de Capão Bonito para o Rio das Almas, os paulistas enviaram soldados para ocupar e fazer reconhecimentos em Ribeirão Grande, a fim de concluir o plano de traçar uma linha defensiva entre Capão, Guapiara e Ribeirão.

O soldado José Pacheco escreveu que "de conformidade com os novos planos militares, a 3.ª Companhia do 14 e outros elementos seguem de trem até Buri onde deverão fazer frente ao inimigo, ao passo que o restante do 14 de Julho e outras unidades fariam um movimento envolvente por Capão Bonito, Guapiara e Ribeirão Grande".

No livro, "Palmo a Palmo", de Alves Bastos, há uma citação de soldados em Ribeirão Grande, ocorrida em 20 de agosto de 1932:

(...) o recém-chegado batalhão Fernão Sales, mais uma dessas unidades que o civismo paulista fazia chegar de vez em quando às frentes de combate. Na jornada de 20 de agosto, a presença desse destacamento minúsculo ocupando Ribeirão Grande (alguns quilômetros ao sul de Capão Bonito) e lançando seus reconhecimentos para sudoeste, nos tranquiliza em relação ao flanco sul e cria ao mesmo tempo para o inimigo, uma permanente ameaça na direção de Guapiara. Agora, até pelo extremo flanco sul estamos garantidos nessa parte de nossa imensa frente defensiva."

No diário do soldado Sebastião Pinto, ele descreve o que ocorreu no dia 22 de agosto de 1.932, quando sua tropa se dirigiu à Ribeirão Grande:

A primeira companhia do "Fernão Sales", incluída no destacamento do Major Amaral, da Força Pública, começou a se deslocar para o flanco esquerdo, em direção a Serra do Mar. A marcha, a pé, foi um bom teste, para provar a resistência dos voluntários, que carregavam nas costas todos os seus troços, armas, etc. A primeira foi de quinze quilômetros. O pernoite foi no Ribeirão Grande, onde a tropa chegou esfalfada."

O esconderijo dos civis

Durante a Revolução de 32, a suprimida Caverna do Sumidouro, que estava localizada onde hoje é a antiga fábrica de cimento, se tornou um local de refúgio dos civis.

Conta-se que muitos moradores da região de Capão Bonito e Ribeirão Grande, amedrontados com a chegada de soldados, principalmente da tropa getulista que avançava sobre o "Setor Sul", se refugiou no "sertão", indo para a Caverna do Sumidouro, gruta localizada no antigo bairro Freguesia Velha.

Um depoimento postado no facebook, por Elvis Ernandes, de seu avô, Laurentino Brasilio Mendes, nascido em 15 de março de 1.920, contou que "no período da revolução de 32, muitas famílias fugidas da guerra se abrigaram numa gruta próximo de onde ele morava no bairro

Fernandes, hoje onde está a construção da fábrica, ele se lembra de detalhes das pessoas que viviam com muito pouco e também da beleza natural do lugar onde elas estavam abrigadas."

Ocupações Militares no Ferreira das Almas

O Bairro Ferreira das Almas é citado em vários pontos dos acontecimentos da Revolução. Geralmente o bairro é referido pelos soldados constitucionalistas como "Capela dos Ferreiras".

Na sangrenta batalha do Cerrado, ocorrido as margens do Rio das Almas, no mês de setembro de 1.932, o bairro passou a ser a retaguarda da tropa constitucionalista.

É comum os relatos de moradores sobre a Revolução de 32, como a de que a Igreja do bairro, que é a mais antiga do município, tinha marcas de bala de fuzil nas paredes.

Uma antiga moradora do Ferreira das Almas conta que as pessoas que moravam ali na época "sofreram muito de correr, correr da soldadesca, porque lá na igreja que eu conheço até hoje, que é muito antiga, lá fizeram lugar de se esconder os soldados. Então fizeram trincheiras e atiravam de longe lá. Então o que tava no bairro, correu tudo, foi tudo parar em São Miguel. E minha mãe contava que sofreram no mato, faziam paiol no mato para se esconderem. Depois ia chegando avioãozada perto e iam caminhando mais pra longe. Minha mãe sofreu, tinha criança pequena, andava a cavalo. Por sorte não derrubaram a Igreja, mas ficou cheio de bagaceira. A soldadesca de certo sofre tamém. Levaram carguerada, nesse tempo era cargueiro, levavam tudo que é mantimento da casa. Revistavam e levavam as coisas. Vasilhas de louça ponhava num fardão cesto grande que ele tinha e soltava no rio amarrado no barranco. Quando eles [soldados] não acharam aquela corda se puxassem achavam. Mas acontecia de perderem tudo. A minha mãe contava que tinha uma irmã que chorou muito quando voltaram que eles queimaram a casa dela, lá pros bandos dos Hilário. Minha mãe é do Ferreira das Almas. E esse foi um tempo sofrido. Foi três meses de sofrer. Quando a minha mãe voltou só achou uma novilha. As vacas, eles comeram tudo."

(depoimento resgatado no trabalho de filmagem dos professores Valdeir da Costa Lobo e Maria Janice junto com alunos da "E.M. Gov. André F Montoro).

No entanto, no início da Revolução, a estrada que ligava Capão Bonito à Itapetininga, passando pelo bairro Ferreira das Almas, reinava uma calmaria, conforme narra Oswaldo Ribeiro Junqueira, no livro "Regimento de Cavalaria de Rio Pardo", exatamente no dia 31 de julho:

(...) No dia 31, as cinco horas da madrugada avançamos em direção à Capão Bonito, passando por Gramadinho, a quinze quilômetros de Itapetininga; nossos batedores verificaram esta vila e a estrada desimpedidas. Adiante, quinze quilômetros, atravessamos o rio Paranapanema, de uma beleza imensa."

No mesmo livro, encontramos citação de que próximo ao Rio das Almas, um pelotão foi guarnecer "a ponte dos Botelhos. Chegando aí estendemo-nos em terreno úmido nos lados da ponte".

No mês de agosto de 1.932, quando Capão Bonito ainda não tinha caído nas mãos das tropas ditatoriais, o bairro Ferreira das Almas estava em sossego e com alguns moradores incomodados com a chegada de alguns soldados constitucionalistas, como vemos no relato de Sebastião Pinto, em "Botucatuenses no Setor Sul", de 13 de agosto de 1.932:

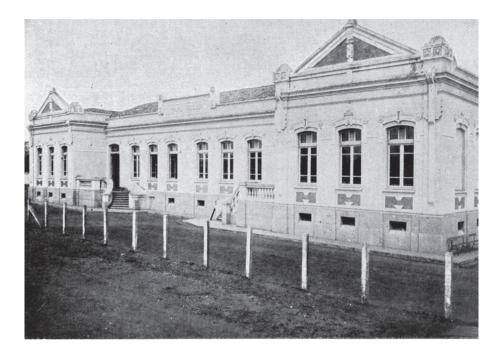
"(...) Num lugarejo chamado Capela dos Ferreiros – uma dúzia de casas – foi destacado um grupo de combate para guarnece-lo. Fiquei com o grupo. O resto do pessoal retornou a Capão Bonito. Na Capela dos Ferreiros permanecemos três dias. Inativos. Numa pasmaceira enervante. Vigiando os caminhos e observando a gente que passava. Nada de anormal. A noite, nos casebres abandonados, (os moradores tinham pirado à nossa aproximação), curtíamos frio, enrolados nos cobertores ralos, enquanto as sentinelas prescrutavam os horizontes. Nada de anormal, felizmente"

Na época, no bairro vizinho Mato Pavão, um dos moradores dali, João Francisco da Cruz (1893-1979), conhecido como "Chico Botelho", orientou os soldados paulistas, dando informações sobre picadas e caminhos na mata, até ajudando no preparo da comida da tropa em sua residência. Entretanto, com o avanço das tropas federais e recuo dos paulistas, acabou tendo que se esconder com a família em outro bairro e teve as paredes de sua casa de taipa, cravejada de balas pelo exército federal.



Chico Botelho em sua casa que foi cravejada de balas de fuzil no Mato Pavão

Grupo Escolar: Alojamento dos soldados e Hospital Cirúrgico



A foto acima é do Grupo Escolar, popularmente conhecida por "Escola Jacyra". O prédio foi construído em 1.910, na gestão do prefeito Estevan Dante. A foto foi feita em 1.927, pela Comissão Geológica e Geográfica do estado de São Paulo, cinco anos antes da eclosão da Revolução de 32.

O prédio serviu de hospedagem para os soldados do movimento constitucionalista. Na data de 25 de julho de 1.932, encontramos no Diário de Campanha do voluntário Cilineu Braga Magalhães, do Batalhão 14 de Julho, o relato de que chegou em Capão Bonito, hospedando-se no Grupo Escolar:

"Campos, colinas, vales, alagadiços, matos, novamente pinheiros, eis a paisagem. De vez em quando

uma roça de milho, raras casas, grupos de gado magro, nenhum pé de café. Cerca do meio dia chegamos a Capão Bonito. Ali as tropas que se aproximavam. A vila tem suas comodidades como sejam: luz, água encanada, bonita igreja e um bom prédio do grupo escolar, onde fomos alojados. Apesar de estarmos alertas, com os fuzis embalados, o ambiente é de tanta calma, tanta paz que até descansa a gente. Há aqui perto do alojamento um quintal cheio de laranjeiras, que tem nos alimentado."

Em seus dias em Capão Bonito, Cilineu retornou a se hospedar no grupo e cita a chegada de uma família que trouxe meias e chocolates.

"29 de julho de 1932: Chegou uma família de São Paulo; trouxe-nos meias e chocolate. Levou uma carta a papai. Parece-me que papai anda muito apreensivo; todos que têm estado com ele, dão a entender isso. Fomos novamente alojados em uma das salas do grupo escolar. Só chuva."

No dia seguinte, 30 de julho, Cilineu relata em seu diário que "Estão escrevendo em letras brancas colossais "Capão Bonito" no telhado do grupo. Os nossos companheiros fazem trincheiras em torno da cidade. As forças dos Batalhões 9 de Julho e 4.º da Polícia passaram por aqui, rumo a Guapiara. Nota-se um lufa-lufa."

No livro "A Epopéia" de Aureo de Almeida Camargo, se lê que soldados dormiram empilhados no porão da escola e sobre a família do "Seu Domingos", que residia em frente ao prédio e que passou a lavar e a cozinhar para os soldados:

"No grupo escolar, a manhã vem encontrar o Batalhão instalado como sardinha em lata, parte no porão, andando de rastro, parte nas salas do único andar. Todos mal instalados, é a lei da guerra." (...) "O novo quartel é um bom prédio, talvez o melhor da cidade, porém mal conservado (*nota do livro:

sofreria uma limpeza parcial mais tarde, quando da instalação do Hospital da Unidade Médica Italiana). No pátio, uma cisterna. Dez metros contados da frente do prédio, uma série de dez banheiros. Uma cerca tosca de arame limita a área do grupo. Atrás deste, a casa do seu Domingos, cuja família seria a lavadeira particular da tropa, bem assim a cozinheira das galinhas conseguidas sabem os soldados de que maneira"

O Hospital de Guerra dos Paulistas



O prédio da atual "Escola Jacyra", também serviu para uma Unidade Cirúrgica, atendendo mais de dois mil soldados feridos e doentes. Era uma equipe médica que se dedicava 24 horas por dia no hospital, composta ainda de seis caminhões transformados em ambulâncias.

Em 3 de agosto de 1932 houve um grave acidente, quando uma ambulância, que tinha saído de Capão Bonito em direção à Guapiara, derrapou e caiu num buraco:

"Acantonamento em Guapiara, 3 de Agosto de 1932. Sr. Comandante do Batalhão. No transporte da ambulância do Corpo de Saúde do Batalhão, de Capão Bonito para esta localidade, o caminhão sofreu uma derrapagem, caiu em um buraco de 10 metros e perdeu todos os medicamentos e o material devido à

chuva. Eram passageiros do caminhão guiado pelo Dr. Marcelo Soares, os Srs. Durval Carvalho, Orlando Tiani, Eduardo Mesquita Sampaio e Ismael Caiuby. Nesse acidente ficaram feridos, com gravidade, os Srs. Eduardo Mesquita Sampaio e Ismael Caiuby, que foram enviados para o Hospital de Pronto Socorro do Dr. Benedicto Montenegro, em Capão Bonito, e o Dr. Marcelo Soares que veio a esta localidade. Os demais todos com ferimentos leves". ("A Epopéia").

O Hospital de Guerra dos paulistas também era chamado de "Unidade Cirúrgica Itália". No livro "A Revolução de 32", Hernani Donato descreve:

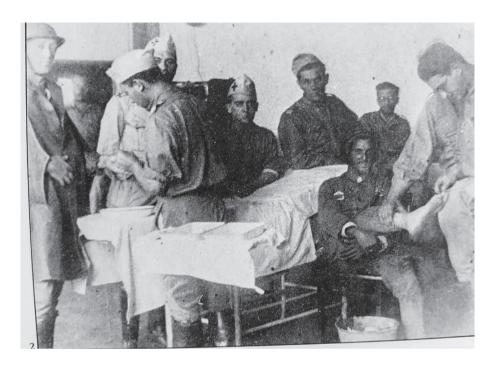
> "Médicos e técnicos italianos da área da saúde. com experiencia ou notícias do que se fizera em seu país durante a guerra mundial, confiaram ao professor Manginelli fundos destinados à compra de seis caminhões a serem adaptados para servir como ambulâncias. A coletividade peninsular, em seguida, ofereceu o necessário suporte para que essa coluna de veículos resultasse em base para o hospital de sangue instalado no prédio do grupo escolar de Capão Bonito. A 25 de julho a Unidade recebeu o comando do professor Benedito Montenegro e os serviços dos médicos João de Lorenzo, Piragibe Nogueira, Reinaldo Figueiredo, Eurico Bastos, assistidos pelos estudantes Piero Manginelli, Angelo Mazza e Eugenio Mauro. O governo revolucionário oficializou a Unidade, integrando-a no Exército Constitucionalista e conferindo o oficialato aos seus integrantes".

No livro escrito pelo médico Montenegro, "Cruzes Paulistas", há o histórico da formação dessa unidade médica no Grupo Escolar:

"Sabedor da organização de batalhões integrados por estudantes das nossas escolas superiores e de seus diplomados, senti-me na obrigação de constituir uma unidade médica, nos moldes das que funcionaram na 1ª Grande Guerra, que pudesse em caso de necessidade prestar socorros, aos feridos pelos tiros inimigos, aos acidentados e aos que contraíssem as doenças oriundas da impossibilidade de se estabelecerem condições higiênicas adequadas, durante as operações de guerra.

Com a eficiente colaboração da colônia Italiana da Capital, chefiada pela Exma. Srª condessa Marina Crespi, cuja casa se transformou em verdadeira colmeia de trabalho executado pelas senhoras e senhoritas italianas ou de origem italiana e com a competente direção técnica do prof. Luigi Manginelli, organizou-se uma unidade cirúrgica de guerra, denominada de Unidade Cirúrgica Itália, composta de sete caminhões transformados em ambulâncias e do material necessário para a instalação de um hospital de frente de batalha com capacidade para sessenta leitos.

Essa unidade instalou-se no Grupo Escolar de Capão Bonito, convenientemente adaptado para servir de hospital de sangue, por indicação do comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul, coronel Brazílio Taborda. Assim foi determinado porque esse setor estava desprovido de qualquer elemento médico que pudesse servir de socorro aos combatentes. Testemunharam tais fatos os componentes dos vários batalhões que operavam no setor Sul e em particular os do Batalhão 14 de Julho, assim denominado porque fora formado precisamente nessa data, mas cujo nome inicial era Batalhão Universitário Paulista por ser constituído, na sua maioria de alunos das nossas escolas superiores ou de seus diplomados. Pelo hospital de Capão Bonito, que funcionou durante os três meses da Revolução, passaram cerca de dois mil combatentes entre feridos, doentes e acidentados."



Sala de curativos do hospital de sangue no Grupo Escolar (atual escola Jacyra). Foto reproduzida do livro "A Revolução de 32", de Hernani Donato.

No livro "Botucatuenses no Setor Sul", de Sebastião A. Pinto, o qual era um dos médicos que atendia, descreveu que Capão Bonito virou "praça de guerra" e cita que no Grupo Escolar funcionava o hospital:

"5 de agosto de 1932: Pela tardinha, ordem de partida. Para Capão Bonito do Paranapanema. O comboio, de caminhões, vagarosamente, viajou a noite. Sem incidentes. Pela madrugada entramos na pacata cidadezinha. Transformada em praça de guerra, fervia de soldados. Mulheres, nem para amostra. E a zona de guerra ainda estava distante. No grupo escolar de Capão Bonito funcionava o hospital de sangue. Uma equipe de médicos e acadêmicos, chefiada pelo

Prof. Montenegro, cuidava dos feridos que vinham de Ribeira, Guapiara, Apiaí e outros lugares, onde a luta era intensa e áspera".

Foi neste centro hospitalar que o major Arlindo foi se tratar, quando foi ferido na batalha em Buri, conforme narrativa descrita na página "Guardiões de 32" encontrada no facebook: "(...) Após o ataque à Estação de Rondinha, ocorrido em 26 de agosto de 1932, o major Arlindo de Oliveira teve de passar o comando, pois na ação sofrera um ferimento na mão esquerda, atingida por um estilhaço de granada. De automóvel, seguiu para Capão Bonito, a procura do médico Benedito Montenegro."

No "Hospital de Sangue" veio a falecer o Tenente José Maria Azevedo, que foi baleado em confronto no bairro Apiaí Mirim e Fundão. No livro "Epopéia", o autor se refere ao hospital como "Hospital da Unidade Médica Italiana":

"À aproximação do inimigo, forte fuzilaria se estabelece. José Maria cai mortalmente ferido. (faleceu no mesmo dia, à noite, no Hospital da Unidade Médica italiana, em Capão Bonito)".

No livro "A Epopéia" do soldado Aureo de Almeida, há mais uma referência ao hospital:

"Quantos são os soldados que baixam ao hospital de Capão Bonito, reumáticos, febris? Uma Companhia quer descansar, trocar roupas em Capão ou Itapetininga. Descansar todos querem, todos precisam, mas o comandante Heliodoro pondera que o 14 é indispensável no momento; que o próprio Coronel Taborda cuidará de atender aos desejos do Batalhão, aliás, razoáveis, dentro de breves dias. Há muita tropa seguindo para Capão Bonito, para Itapetininga. Corre com insistência que o inimigo vai bombardear aquela cidade. Onde teriam encontrado a notícia? Até à noitinha, nada de aviões, e o inimigo felizmente não dispõe de canhões de grande alcance. Estás salva, Capão!"

A dramática evacuação do Hospital

Devido o avanço das tropas getulistas, prestes a tomar a cidade de Capão Bonito, o Hospital foi evacuado a partir do 31 de agosto de 1932:

"(...) à noite, a situação no Setor de Capão Bonito tornou-se péssima. Foi decidida a evacuação da praça. Em caminhões, procedeu-se à retirada dos doentes e feridos. Viagem acidentada. Rumamos para Gramadinho, onde chegamos à meia-noite. A turma se arrumou como pode. A confusão era geral" ("Botucatuenses do Setor Sul").

O espião que enviava informações para Capão Bonito



Combatentes paulistas no momento da chegada do Correio Militar, na região do Rio das Almas, durante a Revolução Constitucionalista de 1932 (Arquivo de Comunidade Guardiões de 32, foto garimpada por Antonio Ozi Galvão)

Um farmacêutico que estava residindo em Buri, que acabou virando um espião paulista, enviava informações para os soldados que estavam em Capão Bonito.

Durante a Revolução de 32, enquanto os soldados paulistas ocupavam Capão Bonito, havia uma linha telefônica que ligava para Buri, na qual os soldados conversavam com um espião que repassava informações das posições inimigas.

É o que se extrai do livro "Carne para Canhão", de Clovis Gonçalves:

"Mais uma miséria da guerra civil. Um farmacêutico, em Buri, fiel aos coestaduanos, deixou-se ficar na vila para mandar-lhes informações nossas. Dispunha de uma ligação telefônica secreta que permitia comunicações com Capão Bonito e Itapetininga. Tudo foi descoberto hoje. Um oficial conseguiu introduzir uma ligação na linha e surpreendeu o seguinte dialogo:

- Há novidades? (De Capão Bonito)
- —Três composições com tropa (De Buri)

Não havia mais dúvida, o farmacêutico nos estava espionando. Alguns explicaram, assim, a coincidência de horas entre o voo de um avião nosso na véspera e de três aviões inimigos. A punição do farmacêutico não se fez esperar. Saquearam lhe a casa de negócio. Não ficou uma prateleira em pé. As ambulâncias de alguns corpos se encheram de medicamentos. Por fim, já noite, atearam fogo ao montão de destroços. A guerra civil fizera surgir soldados com alma de Nero no Brasil." (Carne para canhão, pág. 81)."

Sabe-se que o Quartel General das forças paulistas ficou instalado na casa anexa à farmácia do Sr. Orlando Venturelli, que era onde também funcionava o telégrafo, prédio que ficava ao redor da praça Rui Barbosa e ali recebiam os informes do farmacêutico de Buri.

Um diário não mente



Capa do diário do soldado encontrado em sua farda

O diário de campanha do soldado Cilineu Braga Magalhães foi todo escrito em solo capão-bonitense. Era um jovem estudante que, impingido pelos ideais de liberdade, se alistou no exército paulista para reivindicar um sistema governamental baseado em uma constituição.

Veio lutar pelo seu ideal nas terras de Capão Bonito, momento em que os paulistas tentaram conter o avanço das tropas de Getúlio Vargas. Em seu diário, relatou a movimentação das tropas, o cotidiano na cidade e o clima social.

Esse diário pessoal foi encontrado no bolso de sua farda, quando seus colegas prisioneiros foram sepulta-lo em Capão Bonito, na retaguarda inimiga, a qual já ocupava a cidade.

Ao desembarcar em Capão Bonito em 1.932, com 21 anos, Cilineu

ficou alojado no Grupo Escolar até ser enviado para o front de Guapiara, retornando à cidade e rumando para as trincheiras do Rio das Almas. No dia 26 de julho esteve no campo de futebol da cidade, para exercícios militares e conta que achou muita laranja lima no centro urbano:

"(...) Pela manhã ainda tivemos no campo de futebol, exercícios de ordem unida, apresentar armas, como nos preparássemos para uma parada. (...) Às 3 horas ouve-se um energético toque de reunir. Fervem boatos. Estávamos sendo atacados em Buri, iríamos seguir imediatamente com outros. A verdade entretendo era a seguinte. Uma Companhia teria de guarnecer as trincheiras que defendem a cidade. (...) Aqui chegou hoje um Capitão da Brigada Paranaense que aderiu ao movimento constitucionalista (...) Ao entrar em um quintal, encontrei limas docíssimas. Lembrei-me de mamãe. Rancho péssimo, carne, carne cozida, feijão cru, umas papas de quirera."

No dia 28 de julho de 1.932 narrou como estava a movimentação da tropa paulista na estrada que liga Capão Bonito à Guapiara:

"(...) Uma patrulha composta de Renato, Epaminondas, Aurélio e eu fomos encarregados de guardar a estrada de Apiaí. O sítio é mais ou menos agradável, preferível ao pátio do grupo onde dormimos ontem. A estrada é movimentada, cavaleiros, caminhões, peões, passam a cada instante. Temse que pedir salvo conduto; é bem aborrecido. Epaminondas foi levar à cadeia um caminhão que não tinha ordem de passar."

No dia 02 de agosto de 1.932 contou sobre as trincheiras que guarneciam a cidade, a chegada da cavalaria e a visita de seu pai, que veio à Capão Bonito acompanhado de amigos e se hospedaram no hotel local:

> "(...) Logo depois das 9 horas, recebemos ordens de nos prepararmos para guarnecer as trincheiras em

torno da cidade. Eu e Renato havíamos feito guarda ao hospital de sangue, durante toda noite. (...) Qual não foi a minha satisfação em encontrar, na volta, no alojamento, adivinhem quem? Papai. Havia vindo de São Paulo, na véspera, dormira em Itapetininga e finalmente aqui estava. Veio com o senhor J. Pires, Erasmo Toledo, Juvenal Piza e Theodoro Piza.

(...) Há um movimento de tropas, de caminhões etc. Acaba de chegar a luzida cavalaria de Rio Pardo. (...) Às 2 horas Papai almoçou no hotel e eu aproveitei para um 2.º almoço. Cerca de 5 horas papai na companhia dos demais seguiu para São Paulo, dando-me antes um lindo distintivo da revolução Paulista. Levou grande número de cartas de meus colegas, muitas lembranças e muitas saudades. Às 10 horas recebemos ordem de nos alojar. Partiríamos às 4 horas da manhã seguinte para Guapiara"

Nos primeiros dias do mês de agosto 1.932 viajou para Guapiara, relatando o frio e que tinha ficado na casa do prefeito:

3 de Agosto de 1932: A viagem la correndo bem apesar da estrada estar bastante molhada, quando a uns 20 quilômetros de Guapiara começou a esfriar e a cair uma chuva fria, pesada, desagradável. (...) Chegamos a Guapiara, todas as casas estão cheias de soldados, enquanto cai interruptamente a chuva. A vila tem péssimos e pouquíssimos prédios. Ficamos em casa do prefeito enquanto não recebíamos ordem para ir para a linha de frente. Aqui encontramos o que foi de grande alegria para nós, o senhor Isaac. O senhor Isaac com sua grande bondade, arranjou-nos a "boia" dos oficiais, pois a nossa sairia muito tarde. Novamente ouço, depois de tantos dias, o roncar do canhão. (...) Mais tarde a chuva cessou e pude observar o lugar em que nos achamos. Plena serra de Paranapiacaba. A própria cidade acha-se localizada

em um morro. De todos os lados picos abruptos cobertos de nevoeiro cujas encostas cobertas de verde vegetação rasteira, assemelham-se aos bem tratados tabuleiros dos jardins da capital. Os tortuosos caminhos, as toscas pontes, as caprichosas, isoladas copas de redondas árvores, plantadas pela natureza, quase simetricamente, lembram os campos de "golf", com os quais os nossos amigos ingleses e americanos gastam tanto dinheiro. As casinhas penduradas nos alcantis, cercadas de laranjais carregados de frutos, o gado pastando, os alegres regatos que correm sobre pedras em vales profundos, as cascatinhas, dão à vista a impressão de um lindo presépio de natal. O ar que se respira é leve, entretanto o sol aparece por poucos instantes; logo depois a chuva volta a nos aborrecer.

(...) 9 de Agosto de 1932 - O dia correu magnificamente. Renato e eu tomamos um banho no rio; a água estava friíssima.

10 de agosto: Ao chegarmos ao alto do morro, surpreendeu-me a vista, o mais belo vale que eu já vi a relva de um verde alegre cobrindo montes, pinheiros, cambuís, formando caprichosos recantos; um lindo ribeirão corria pelo fundo, passando ao lado de casinhas abandonadas. Este morro é muito bonito para se ver, mas para subir é horrível; paramos em baixo de uma árvore, extenuados; meio dia, continuamos, a 1 hora chegamos a Monjolada, umas cinco casas, capelinha, vários monjolos. (...)

11 de agosto de 1932: As 10:30 chegou ordem de retirada. Íamos o mais depressa possível para Apiaí-Mirim, sem passar por Guapiara, que era ponto perigoso. Chegamos finalmente à Apiaí-Mirim as 7 e 15. Dormimos em uma péssima casa. Faz um frio horrível, estamos com pouco agasalho, cansado como estou, quase não consegui dormir.

13 de Agosto de 1932 - Às 5 horas da tarde ordem de seguir para Capão Bonito. Não pude apreciar

direito a paisagem apesar da lua, porque vínhamos cantando; deu para ver muita serra, muitos vales, florestas cerradas. Em Capão Bonito, encontramos todos os demais rapazes do Pelotão, inclusive Fernando, Lyra, etc."

No dia 11 de setembro diz que chegou na Capela das Almas, que é o bairro rural Ferreira das Almas e de que viajou até uma serraria, que era a do "Candoca":

11 de setembro de 1932: "Finalmente a partida às 9 horas da noite de ontem em caminhões. Viajamos a noite e apesar das péssimas acomodações, conseguimos dormir um pouco. Passamos por Gramadinho e pela manhã chegamos a uma Capela das almas e seguimos viagem até uma serraria."

A morte de Cilineu

Cilineu Braga de Magalhães morreu em 17 de setembro de 1.932 às margens do Rio das Almas, durante o combate na Fazenda do Cerrado. Era integrante do conhecido "Batalhão 14 de julho".

Augusto de Souza Queiroz, soldado que batalhou ao lado Cilineu, integrantes da mesma companhia, afirmou em seu livro "Batalhão 14 de Julho" que, antes de morrer, Cilineu já havia sido preso, tendo sido morto enquanto caminhava para retaguarda inimiga junto de outros quarenta e três colegas também prisioneiros, quando foi alvejado no peito por um soldado inimigo exaltado.

"(...) E quarenta e quatro bravos são aprisionados, de armas na mão, depois de manterem até o fim, altivamente, o posto de honra e de sacrifício que São Paulo lhes confiara. Mas o ódio do inimigo ainda não estava saciado. E quando os prisioneiros já haviam abandonado as armas, sem que nada o explicasse, salvo o próprio ódio, um tiro assassino é desferido sobre eles, quase a queima-roupa, ferindo mortalmente o Cilineu Braga Magalhães. Mais um companheiro

perecia assim, no próprio campo da luta mas depois de depostas as armas, vítima inerme da sanha de um bandido. (...)"

Suas últimas palavras em seu Diário Pessoal, escritas entre os dias 16 e 17 de setembro de 1.932, foram as seguintes observações:

"Buum! Chinaaa! Bum. Vimmm! Ora bolas, canhões novamente. A ditadura tem munição para gastar. Cinco bocas, 2,105 e 3,75mm a despejar mechas por cima da gente. Mas aqui a nossa linha é muito mais extensa do que em Buri e raras são as trincheiras localizadas perfeitamente. As bem localizadas recebem tiros diretos, mas a nossa só é visada pelos "schrapnels" que vêm explodir, ora na frente as vezes atrás, com seu chuveiro de chumbo e aço. Nós, como veteranos, percebemos logo que isso é o início de um ataque de infantaria. Preparamos, eles viriam retribuir a nossa visita de ontem. Temos nas trincheiras fuzis, granadas de mão e fuzil, e um fuzil metralhadora Colt, tomado dos gaúchos em um dos combates. Logo depois avistamos no morro fronteiro a infantaria que se aproximava e em seguida rompia fogo.

Assistimos neste instante a uma fita de guerra sincronizada. Aviões, canhões, granadas, metralha, fuzilaria, homens correndo, deitando, atirando com a mesma intensidade de fita de cinema, um gasto enorme de munições e nós sem dar um tiro para evitar desperdícios. Esperamos que eles se aproximem, enquanto que os valentes inimigos deitam-se a cada instante, para livrar-se das certeiras balas paulistas, estão bem mais perto, pararam os canhões, e nós começamos a fuzilaria sem grande intensidade. Uma hora depois de iniciado o nosso fogo, o Colt enguiça. Logo depois o inimigo desistiu de avançar e limitou-se a atirar de longe o resto do dia e com raros intervalos pela noite toda. Quando escureceu os canhões começaram a roncar novamente."

Após o término da guerra civil, os restos mortais de Cilineu foram encontrados no cemitério de Capão Bonito depois de muita procura de amigos e familiares. Em 10 de outubro de 1.932, Cilineu foi sepultado no Cemitério São Paulo, na capital paulista.

Batalhas no Apiaí Mirim

"Apiaí Mirinha", disse o caboclo que indicava que naquela estrada de chão batido por de pé de boi e pata de vaca, rumava para o bairro rural Apiaí Mirim.

É neste bairro, que o acontecido da guerra civil, deixou memórias trágicas e relatos de solidariedade de moradores que cuidaram de soldados feridos.

"Minha avó Alexandrina dizia que algum soldado chegava ferido, daí ela ajudava, tratava deles. Pelo que entendi, não tinha distinção pra ela se era soldado do labo A ou B, ela ajudava quem aparecesse", conta Luciano Bernardo de Almeida, que morou no bairro.

Em uma das batalhas, a Cavalaria paulista, sabendo que na Capela de Santo Antonio do Apiaí Mirim acampavam soldados gaúchos, para lá se dirigiram pela madrugada, antes do alvorecer, para ataca-los. Nessa data, 21 de agosto de 1932, o bairro recebeu bombardeio de três aviões paulistas. Houve tiroteio e as tropas ditatoriais fugiram, deixando dezessete cavalos, alguns mosquetões e munição. Alguns fugiram pela mata, feridos e, seis deles, foram encontrados mortos em matos vizinhos. Houve prisões de gaúchos no Apiaí Mirim: um oficial, um sargento e um cabo, os quais foram levados à Itapetininga.

Próximo do bairro, enquanto os paulistas tentavam avançar e fazer vigilância "um caipira informara-os, que a tarde o inimigo churrasqueava dois bois".

Temos um relatório de campanha do Regimento de Cavalaria Rio Pardo que assim descreve a situação no bairro Apiaí Mirim, em 18 de agosto de 1.932:

"O enviado para a capela do Santo Antonio do Apiaí Mirim, constatou a presença de uma tropa de Cavalaria fardada de azul, que chegou até a barranca do rio. No vau do rio Apiaí Mirim, na Fazenda de Joaquim Costa, também tem havido passagem a incursões de elementos de cavalaria inimiga, conforme informações colhidas".

Em troca de informações entre os soldados paulistas, o Capitão Alfredo Feijó enviou ao Tenente Coronel Álvaro Martins a seguinte mensagem:

"Marchando uma tropa de cavalaria de 250 a 300 homens, adversários, pela estrada que liga esta cidade à Capela de Santo Antonio do Apiaí Mirim com direção a Capão Bonito, solicito de V. Excia. a remessa de tropa para ataca-la pela frente, enquanto que este Regimento de Cavalaria deslocando-se de Sapé as 8 horas de hoje, percorrendo 19 kilometros aproximadamente, procurará atacar a referida tropa pela retaguarda".

Um morador do bairro, Catarino Aleixo Vaz, conta que "O Apiaí Mirim já tava tomado pelos soldados gaúchos. Eles estavam instalados uma quantia na Igreja e outra quantia na Casa do Santo. E aí os paulistas vieram. Daquele alto os paulistas avistaram a gauchada. De lá começaram a atirar. Foi o primeiro confronto que teve. Os soldados gaúchos forma pegos de surpresa, daí foi uma correria danada, um corre corre. Cada um se posicionando na posição de tiro."

Veio o contra ataque dos ditatoriais e um morador local, citado como o "velho Victorino" e que tinha profundo conhecimento da região, orientou a cavalaria paulista nas trilhas mais trafegáveis rumo à Capão Bonito:

"Um dos meus oficiais lembrou que no Regimento de Cavalaria existia um voluntário da Zona, incorporado desde a passagem do R.C. pela Capela do Santo Antonio e que talvez este homem conhecesse algum esquisito, que nos permitisse sair daquele ponto. Chamado a minha presença este voluntário, Victorino Maximo da Cruz, prontificou-se a nos ensinar um trilho que permitia a retirada desejada e imposta. As 21 horas debaixo de silencio e ordem determinei a retirada" (relato do soldado Oswaldo Junqueira).

O bairro Apiaí Mirim foi um importante ponto estratégico para a formação de uma linha de resistência dos paulistas. Em um comunicado militar do início do mês de agosto de 1932 no livro "Regimento de Cavalaria do Rio Pardo", nota-se o desenvolvimento das tropas:

"Cel. Comandante do Setor Sul

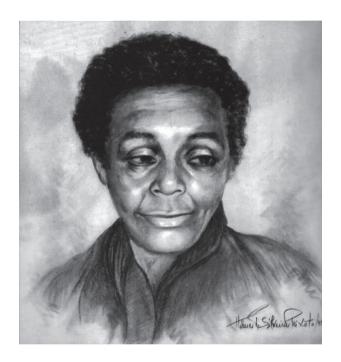
Por reconhecimentos fiz ocupar a vila de Apiai Mirim, a margem do rio do mesmo nome. Da referida vila irradiam varias estradas. Consulto se devo prosseguir ocupando outros pontos da mesma vila,

ou se devo permanecer em Capão Bonito com todo o efetivo do Regimento. Se aqui permanecer terei que retirar tropas do ponto ocupado, devido difíceis meios de ligação. Saudações. Alfredo Feijó, Cap. Comandante".



Cavalaria paulista, próximo a Capela de Santo Antonio do Apiaí Mirim. Extraído do livro "Regimento de Cavalaria do Rio Pardo" de Oswaldo Junqueira.

Afrodescendentes em batalhas Capão Bonito-Guapiara



Maria Soldado

Maria José Barroso nasceu em 1.885 na cidade de Limeira/SP, filha de escravizados, mas nascida livre devido a Lei do Ventre Livre de 1.871. Ficou conhecida entre seus companheiros de batalha como "Maria Soldado".

Esta mulher afrodescendente lutou pelo movimento constitucionalista na Revolução 32 em Capão Bonito. Era uma das quatro mulheres que integravam o pelotão chamado de "Legião Negra".

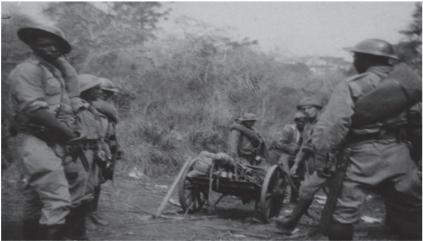
Atuou como enfermeira e esteve nas trincheiras. Foi ferida em combate no front de Guapiara e levada para tratamento médico na escola Jacyra, local que tinha virado Hospital em Capão Bonito, onde ficou por 11 dias em convalescência.

"A minha cozinheira era a famosa Maria Soldado. Maria Soldado é uma das figuras mais bonitas da Revolução de 32. Era uma negra, que estava cozinhando para minha tia Nicota Pinto Alves. Um dia Maria Soldado desapareceu. Ninguém sabia dela. E eis que ela retorna, vestida de soldado, com uns 20 ou 30 companheiros, índios e negros, e disse: "Nós vamos ingressar na Legião Negra" (entrevista na Gazeta, São Paulo, 05.09.1932, de Antônio Penteado Mendonça).

"Maria Soldado é um dos nomes mais conhecidos entre as mulheres que participaram da revolução de 32. Inicialmente alistada como enfermeira voluntária, conseguiu ela o seu intento ao desembarcar em Capão Bonito onde participou dos principais combates do setor sul, entre eles o de Buri" (do livro Cruzes Paulistas).

Foi ferida em combate no dia 17 de agosto de 1932 na cidade de Guapiara, retornando aos combates no dia 28 do mesmo mês. Com o fim da guerra civil, voltou a sua rotina habitual como vendedora de doces e salgados. Faleceu em 1.958, na cidade de São Paulo. Seus restos mortais repousam no panteão dos Heróis Paulistas, no Obelisco do Ibirapuera.

A Legião Negra



FREGUESIA VELHA MUSEU DA IMAGEM. Soldados da Legião Negra, no Cerrado, município de Capão Bonito/SP, em 15 de setembro de 1932, durante a Revolução Constitucionalista. Ao fundo, um "sapinho" (uma espécie de morteiro compacto fabricado pelos próprios paulistas) conforme informações verso da foto. Imagem e informações do Arquivo do Estado de São Paulo.

Acervo: Imagem e informações Guardiões de 32 - Facebook.

Foto garimpada pela pesquisa de Antonio Ozi Galvão

A Legião Negra, como era conhecido o batalhão de soldados afrodescendentes, atuou no movimento constitucionalista em Capão Bonito, rumaram para o front de Guapiara, do Apiaí Mirim e na sangrenta batalha do bairro Cerrado, onde travaram intenso conflito face os soldados ditatoriais getulistas.

Transcrevemos aqui uma entrevista concedida ao jornal "A Folha da Noite", do oficial Francisco Salgado, discorrendo sobre a Legião Negra em 1932, na região de Capão Bonito:

"(...) Reservista do 11º R. C. I., de Ponta Porã, em cujas fileiras serviu como 3º sargento, o citado oficial, ao apelo dos organizadores da Legião Negra, vestiu a farda de voluntário da lei, seguindo para Guapiara, onde chegou a 29 de julho. Não tardou o batismo de fogo de sua tropa, na Capela da Guapiara, durante o qual os 130 homens de seu comando lutaram com denodo e bravura. Tendo sido cortadas as suas ligações com o batalhão a seu flanco, durante três dias os seus homens estiveram situados, até que, impostos pela falta de alimento, resolveram travar uma luta desigual com os seus inimigos. Eram 9 da noite e após quatros horas de combate cruento conseguiam entrar em comunicação com as tropas paulistas, das quais se achavam separados 22 Km. Na retirada, que se efetuou normalmente, uma patrulha inimiga de dez homens ficou no campo da luta. Deixando Guapiara, perseguidos pelos inimigos, chegavam à noite ao seu posto. Na manhã seguinte, depois de aguardarem por toda a noite o fogo inimigo, entraram em segundo contato com os ditatoriais. No dia 17 de agosto travou-se o combate que durou vinte e quatro horas e nas quais os homens que compunham a sua coluna, nesse encontro, se portaram como verdadeiros militares. (Folha da Noite, São Paulo, 13.09.1932, p. 3 (2 a edição)

Capão Bonito caiu!



Na foto acima, flagrante da retirada de combatentes paulistas da cidade de Capão Bonito/SP, em 02 de setembro de 1932 (Crédito: Imagem do acervo da F.E.S-Guardiões de 32, garimpada por Antonio Ozi).

Os dias agitados que tomaram São Paulo e o Brasil em 1.932 também repercutiram em Capão Bonito.

As lideranças políticas municipais foram favoráveis ao movimento constitucionalista. Um jovem líder daquele momento, o capão-bonitense Joaquim Raimundo Gomes, o qual era redator do jornal "Folha Popular", descreveu a situação:

"(...) organizou-se em São Paulo a liga da Defesa Paulista, concomitantemente com a liga Pró-Constituinte, entidades que promoveram comícios em todos os rincões do nosso Estado, no dia 24 de Fevereiro de 1932, em comemoração à data de promulgação da primeira Constituição da República. promulgada em 24 de Fevereiro de 1891. A nossa cidade também participou desse evento cívico promovendo um concorrido comício ao coreto da praça Rui Barbosa, abrilhantado pela Corporação Musical "7 de Setembro" e com líderes políticos. fazendo uso da palavra os Srs. Dr. José de Castro Rosa, Juiz de Direito; Dr. Manoel dos Passos. Dr. Josino de Paula Araujo e Capitão Calixto Gonçalves de Almeida, advogados e Joaquim Raimundo Gomes, representando a mocidade e como redator do jornal "Folha Popular". Inicia-se assim, liderado por Emilio Svergnini, Prefeito Municipal, Capitão Calixto Gonçalves de Almeida, João do Amaral Camargo e José Soares Quevedo pelo Partido Republicano Paulista e Pedro de Oliveira Ramos, Farmacêutico João Venturelli e Capitão Brasílio Antonio Nunes, pelo Partido Democrático e outros, em favor da preservação de nossa autonomia e dignidade. O povo não se conformava de ver São Paulo com sua espinha dorsal quebrada no quadro da Republica. São Paulo queria, exigia um Governo civil e paulista, sendo então nomeado e Embaixador Pedro de Toledo que por volta de março de 1932 assumiu o cargo". (artigo publicado postumamente no jornal "O Bandeirante", edição n. 1294, de 30/08/1.986).

Poucos dias após a eclosão da Revolução, os soldados constitucionalistas ocuparam pacificamente Capão Bonito. Passaram mais de quarenta dias por aqui. No entanto, com o avanço das tropas federais, que já tinham tomado Buri e Guapiara, as tropas paulistas evacuaram a área urbana e se entrincheiraram na área rural do município.

"Capão Bonito caiu!", assim diziam os paulistas. Os soldados paulistas deixaram a cidade, abandonaram na Praça Rui Barbosa caminhões e tralhas inservíveis. Transportaram da "escola Jacyra", onde era o hospital, os feridos que convalesciam, levando-os para o bairro Gramadinho. Foi dramática a transferência dos doentes e feridos, ação tão bem executada em caminhões e ajuda de médicos e enfermeiros. Em 01 de setembro de 1.932, relata o soldado Oswaldo Junqueira: "Os hospitais foram transferidos às pressas para Gramadinho. Capão Bonito provavelmente seria atacado neste dia".

O recuo da tropa paulista na cidade ocorreu de forma ordenada. As lideranças política municipais também deixaram a cidade. Os paulistas abandonaram tristemente Capão Bonito, tão bem recibos pelas autoridades locais, favoráveis ao constitucionalismo e tão bem tratados pelo Café do Combatente que era servido pelas mulheres. Esvaziaram as gavetas do escritório MMDC e levaram os documentos mais importantes, desmontaram o telégrafo instalado num prédio ao redor da praça, montaram e encilharam os cavalos, colocaram o armamento e munições nos caminhões em funcionamento e zarparam. Enquanto ocuparam Capão Bonito, a cidade fervilhou com o espírito constitucionalista, um turbilhão de interações entre soldados de todas as classes sociais e profissões. Abandonaram a cidade que os ajudou a andar nas matas e picadas do sertão. Mas a estratégia era mesmo essa, deixar a área urbana e se concentrar na resistência das trincheiras na mesopotâmia gameleira, a terra que ficava entre os rios das Almas e Panema.

O exército ditatorial avançava, com seus batalhões come vacas. Três aviões das tropas federais bombardearam a cidade, atirando algumas granadas nas ruas, assustando as famílias e os soldados que ali se conservavam. Uma das bombas caiu nas proximidades de um hotel e outra atingiu e derrubou um muro.

No livro "Epopéia", de Aureo de Almeida, conta-se o dramático episódio:

"Três aviões inimigos em observação. Partida para o rio das Almas. Nem ao menos se passa por Capão Bonito, que está perdida, que vai ser entregue, que vai argumentar o patrimônio de conquista dos conquistadores. Pobre Capão Bonito, já não

baterão pelos paulistas os sinos de tua igreja! Nem reconhecerias o Batalhão que te enfeitava outrora as ruas alegremente. Tú mesmo, que o conheceste moço, não haverias de querê-lo agora sem a mocidade, que ficou distante, lá para trás. O 14 te abandona ao destino das tuas irmãs, que também ficaram distantes, ele, que também possui um destino desconhecido, e a cujo encontro vai pressuroso... Pressuroso, o 14 vai combater por ti, por Buri, por São Paulo! Rio das Almas, em cujas imediações o Batalhão se acampa. Aviões ao longe, os incansáveis."

O Capitão Alves Bastos também descreveu em seu livro "Palmo a Palmo" a manobra de retirada para o Rio das Almas e a estratégia defensiva no Rio Paranapanema:

> "Há muitos dias, considerava o Comandante do Setor inevitável a queda de Capão Bonito e a luta encarniçada que se vinha alimentando para retarda-la articulava-se no plano geral por dois lados: - primeiro, porque era da sua intenção, com os parcos meios de que dispunha, ir disputando cada palmo de território paulista; - segundo, porque era necessário assegurar aos nossos bravos sapadores o tempo necessário ao preparo conveniente das organizações do terreno e dos entrincheiramentos que iriam transformar o corte natural do rio Paranapanema – Almas numa verdadeira barreira defensiva. Dera-nos já a obstinação desses dois núcleos de força que se batiam em Fundão e no Pinhal o ganho preciosíssimo de meio mês. As barrancas do rio Paranapanema e as margens cobertas do rio das Almas, fariam muito mais, dificultando e impossibilitando quase a progressão dos meios poderosos do adversário."

> (...) Desde que se verificou, porém, ante as dificuldades da jornada de 30 de agosto, que seria impossível ao destacamento do tenente coronel An-

chieta continuar a resistir aos formidáveis esforços do adversário, cumpria sem demora que se operasse a retirada de todas as nossas forças que defendiam Capão Bonito para as trincheiras do rio das Almas. No dia 31 de agosto ordens eram dadas nesse sentido e a operação se processava de maneira perfeita nas noites de 31 de agosto para 1.° de setembro e na desse dia para o dia 2 de setembro. A perfeita organização e a impecável execução desse retraimento são títulos de gloria para todos quantos nele tomaram parte. (...) Os laços do comando permaneciam intactos e pelo telégrafo de Capão Bonito até ás dezenove horas transmitíamos ao Quartel General de Itapetininga a marcha dos acontecimentos. Com a chegada da noite movimenta-se o cenário das estradas, povoadas então pelos constitucionalistas que se retiram em ordem perfeita. Partem de Capão Bonito os caminhões que não teriam aplicação no movimento; partem os que conduzem as últimas cargas das unidades; passam pela cidade aqueles que levam as tropas irredutíveis de Pinhal e num requinte de minúcia verifica-se cuidadosamente o verdadeiro estado dos caminhões que ficam, por não poderem funcionar. Já quase ao amanhecer, permanecendo em cobertura apenas os elementos da cavalaria, vão para o grande abrigo natural do rio das Almas os próprios elementos que haviam acolhidos os camaradas batidos de Fundão. E viam-se ao amanhecer de 2 de setembro nesse movimentado Capão Bonito de outrora, no lugarejo cuja torre piedosa domina toda a região circunvizinha, viam-se apenas os remanescentes do Rio Pardo em torno de seu bravo comandante, vigilantes na direção do norte."

Quando as tropas de Getúlio Vargas tomaram Capão Bonito, o Tenente Comandante da tropa federal mandou lavrar uma ata, onde mencionou que nenhuma autoridade municipal foi encontrada.



(Foto da ocupação das tropas ditatoriais na praça Rui Barbosa. Arquivo: Claro Gustavo Jansson, fotografo viajante sueco, radicado no Brasil, em cobertura do conflito pela região em 1932)

"Ata de Ocupação da Cidade de Capão Bonito.

Aos dois dias do mês de Setembro de 1932, foi pelos Destacamentos Dorneles e Boanerges, das forças em operações no Sul de São Paulo, sob o Comando do Sr. General Waldomiro Lima, ocupada esta cidade, visto os rebeldes terem se retirado em direção a Itapetininga.

Não foi encontrada autoridade alguma na cidade porque, ou aderiram aos revolucionários, como o Juiz de Direito: José de Castro Rosa; Juiz de Paz: Dr. Silvio de Almeida: Promotor Público: Dr. Paulo Cardoso de Almeida; Delegado Técnico: Dr. Ciro Silveira da Rocha; Escrivão de Polícia: João Rodolfo; ou fugiram se refugiando nas matas, como o Prefeito Emílio Marigione, que havia sido deposto pelos

rebeldes. Foram encontrados somente os seguintes funcionários da Prefeitura: Olegário António de Oliveira e Abílio Pinheiro de Almeida que exerciam as funções de 1.º e 2.º fiscais da referida repartição. Em companhia dos comandantes dos aludidos Destacamentos, Ten. Cel. Argemiro Dorneles, Ten. Cel. Boanerges Lopes de Souza, do Major Carlos Soares do Lago, Chefe de Polícia das F. O. do Setor Sul, do Sr. Epaminondas Holzmann, representante da Gazeta do Povo de Curitiba, e do 2.º Ten. Com. Armando Fritzel:

Disso que consta, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Cmt. do Setor, funcionários da Prefeitura, chefe de polícia das F. O., representante da Gazeta do Povo de Curitiba, e por mim 2.º Ten. Com. Armando Fritzel, que a escrevi" (Extraído de "Vitoria ou Derrota" de Dilermando de Assis).

Como relata o soldado Oswaldo Junqueira, consta que a cidade foi "ocupada por uma infinidade de tropas inimigas: pela Infantaria, Cavalaria e Artilharia". Naquele momento da guerra civil, nos dias finais de agosto, "o principal esforço federal seria no sentido de conquistar Capão Bonito, a principal cidade na estrada Ribeira-Itapetininga, mas só em 2 de setembro conseguiram ocupa-la. "Está próximo a vitória", proclamou Valdomiro precipitadamente. (livro A Guerra Civil Brasileira)"

E assim foi a queda de Capão Bonito.

Cenas da Revolução de 32: fuga para a fazenda do Candoca

Após a batalha do Fundão, na divisa entre Buri e Capão Bonito, com o avanço das tropas ditatoriais de Getúlio Vargas, a situação tornou-se dramática para o Batalhão 14 de Julho, que teve que recuar para a Fazenda do Candoca. "Às 18 horas, iniciou o retraimento dos homens, sem deixar coisa nenhuma, em direção à Fazenda do Candoca. 31/8/1932. Major Heliodoro".

"Debaixo da queimada, para a Fazenda Candoca. Marcha penosa, as

botinas estão encharcadas e pesam lama. Alguns andam descalços e se arriscam a ter os pés rasgados, como ia acontecer. A tropa se divide em grupos, pois há dúvida sobre o rumo a seguir. Pequenas colunas iniciam o trajeto em linha que julgam reta, outras se desviam mais para o lado. Soldados, quase todos da Legião Negra, deixam-se ficar pelo caminho a espera de uma condução absurda, de uma fatalidade qualquer que os venha amparar absurdamente. O inimigo apanharia alguns, os mais fatalistas. Se penosa era a marcha, a sede ainda a tornou maior e agora é um castigo. Soldados que se espalham pelo campo adormecem, só pela manhã continuariam a marcha. Ao meio dia, mais ou menos, reunião no Candoca, faltando os mais retardatários. Talvez que o cansaço lhes tenha impedido a caminhada, talvez que o inimigo... " (Epopeia, de Aureo de Almeida).

A Fazenda do Candoca foi um ponto estratégico nesta guerra civil. Quando as tropas de Getúlio Vargas avançaram ainda mais, além da fazenda do Candoca, tomaram a sede da fazenda Santa Ines, ocupando com forte presença de tropas, cavalaria e armamento em número muito superior aos constitucionalistas. Até houve uma tentativa dos soldados constitucionalistas de atacar as tropas federais na Fazenda Santa Inês, que tiveram muitas baixas, mas o contra ataque foi brutal.

Getúlio Vargas manda atacar Capão Bonito



Charge do capão-bonitense Pedro Lara Dante no livro "Almanaque" do Barão de Itararé

Foi na cidade de Capão Bonito que as tropas militares de Getúlio Vargas tiveram mais dificuldade para avançar rumo a Capital. Foram desmoralizados! Depois das tropas federais terem avançado rapidamente, tomando facilmente Itararé e Itapeva, tiveram grande dificuldade em Buri e Capão Bonito. Aqui, na terra capão-bonitense, a disputa foi palmo a palmo. Foi mais de um mês de peleja e resistência. Os soldados paulistas, além de se aproveitarem de uma trincheira natural, o rio das Almas e rio Panema, também cavaram organizadas trincheiras em seu entorno.

Os telegramas trocados pelo General Valdomiro Lima e o presidente Getúlio Vargas revelaram a dificuldade das tropas federais em avançar, tendo baixas e sendo hostilizados por seis aviões paulistas.

O soldado Nicolau Mendes, integrante do exército gaúcho, escreveu em seu livro "O pé no chão", as dificuldades em Capão Bonito, quando eram alvejados por aviões paulistas: "Já havia três dias que o corpo de Palmeira descansava... Se é que se podia chamar descanso o de uma tropa que, diariamente, três e mais vezes, era assediada pelos bombardeios aéreos. E que bombardeios! Parecia que os aviadores paulistas enviavam das alturas, como Júpiter, sobre os bravos que, embaixo, infligiam derrotas sucessivas aos seus exércitos, todo o fogo do céu, como protesto e vingança, e toda sua cólera rebelada!"

Apesar do exército de Getúlio Vargas ter conquistado a área urbana de Capão Bonito, era urgente para o governo federal triunfar ainda mais pela área rural, transpondo o Rio das Almas e o Rio Paranapanema. Para Getúlio Vargas isso significava triunfo militar, abrindo rápido corredor de avanço para Itapetininga em direção à Capital, para sufocar de vez a Revolução Constitucionalista.

No telegrama abaixo, garimpado pela pesquisa do colaborador Antonio Ozi, junto ao arquivo da FGV (Fundação Getúlio Vargas), encontramos a informação de que o General Valdomiro Lima enviou informações ao gabinete do presidente Getúlio Vargas, sobre a dificuldade que enfrentava em Capão Bonito:

"20/09/1932

(...) Não se podendo esperar grande cousa ação ofensiva (...) Comandante aviação major Ajalma está desolado poder precário nossa aviação. Temos cinco e os rebeldes seis aviões entre estes um New Port identificado ontem quando nos bombardearam por duas vezes, causando mortos, feridos, panico. (...)"

Onze aviões em combate sobrevoaram o céu de Capão Bonito, impactando a paisagem da pequena cidade. E neste dia, é intenso o sofrimento das tropas gaúchas, que são bombardeadas. O historiador Stanley Hilton, em seu livro "1932 – A Guerra Civil Brasileira" fez uma nota sobre o acontecimento: "No período tumultuoso de meados a fins de setembro, a aviação constitucionalista bombardeou Capão Bonito no dia 10 (...)

Dias depois, aviões rebeldes voltaram a bombardear Capão Bonito, danificando várias casas e quase atingindo mais uma vez o hospital."

Como resposta e para liquidar de vez a Revolução Constitucionalista, Getúlio mandou atacar a área rural de Capão Bonito com mais intensidade e metralhadoras, com mais bucha de canhão, intensificando a guerra civil, independente do custo do sangue a se derramar nas terras gameleiras. Como descreve Stanley Hilton em sua pesquisa, "No setor Sul, as tropas de Valdomiro Lima desfrutavam de uma vantagem numérica geral, tendo suas fileiras aumento de 4.200 em meados de julho para 12.900 em fins de agosto, atingindo mais de 18.000 um mês depois."

E assim, foi o avanço do exército de Getúlio Vargas sobre as terras gameleiras, em grande escala e brutal.

Taquaral Abaixo: a última trincheira



Placa em homenagem aos heróis paulistas inaugurada em 2015

No início do mês de outubro de 1.932, não se sabia que rumo tomariam as negociações para o desfecho da guerra civil. Corriam boatos que haveria um acordo final. Neste ambiente carregado de incertezas, a luta continuava inclemente no setor sul, justamente na última trincheira, no bairro rural Taquaral Abaixo.

Antonio Francisco de Queiroz, conhecido como "Toniquinho Mendes", morador do bairro Taquaral Abaixo, foi entrevistado pelo programa "Giro pelos Bairros" em 2.022, quando estava com 98 anos. Contou que "na época da Revolução de 32 tinha 9 anos de idade, morava no bairro Boituva, minha avó morava aqui (Taquaral). Eu vinha vindo

na garupa do meu tio, a polícia pegou ele pra fazer trincheira. A polícia me deixou na casa da minha vó. Fiquei quinze dias na casa da minha avó sem poder vortar. Depois que acabou a guerra pude vortar. Na hora do fogo eles entravam na valeta e mandavam o povo se esconder na beira d'água".

O soldado Augusto de Souza Queiroz, em seu diário, narrou os últimos tiros em Taquaral Abaixo:

"Nas trincheiras de Taquaral Abaixo, porém, com as poucas armas que lhe restam mas com o coração animado do mesmo ardor combativo, a tropa do 14 não se conforma com as notícias de derrota e, dando como boatos a triste realidade, decide prosseguir na luta. E é assim que, enquanto em todo o Estado de São Paulo as tropas do Exército Constitucionalista depunham as armas em obediência a ordens recebidas do alto comando, não longe da pequenina e distante Taquaral Abaixo, encravada nos confins do Paranapanema, os rapazes do 14 de Julho, sempre sob o firme e sereno comando do Major Penteado, continuam a disparar contra o inimigo que já se aproximara das novas e derradeiras posições que ocupam e das quais partiriam, até ao entardecer do dia 2 de outubro, os últimos tiros da Revolução Paulista."

O Capitão Alves Bastos, em seu livro "Palmo a Palmo", narrou sobre as trincheiras no Taquaral Abaixo:

"A defesa e a luta obstinada na região do Cerrado prolongara através de vinte dias a nossa duração na posição ocupada e, mesmo após o desencadear da ofensiva inimiga, quando se concretizava já a execução de seu esforço pelo sul, nos assegurou o tempo suficiente ao deslocamento dos meios necessários a enfrenta-la nessa excêntrica região de Taquaral Abaixo. E na noite de 20 para 21 de setembro o grosso de nossa ala esquerda passa para a margem direita do alto Paranapanema deixando apenas postos avançados na mesopotâmia que o adversário procurava conquistar. Em Taquaral Abaixo surgia, como que por encanto, um novo destacamento forte de dois batalhões (10.° B. C. R. e 4.° R. I.) e um esquadrão de cavalaria. Uma nova Ordem Geral de

Operações (número 6) fixava as condições em que o conjunto de nossas forças era disposto em função da nova situação tática. Ela dizia em certo ponto, "comprometido o êxito da batalha defensiva no rio das Almas, é intenção do comandante do setor travá-la às margens do rio Paranapanema".

O Soldado Aureo de Almeida, do Batalhão 14 de Julho, escreveu como foram àqueles dias difíceis em Taquaral:

(...) Reunião de casebres no alto de uma colina, em cuja frente se estende grande bacia até à colina seguinte, por detrás da qual estão as trincheiras paulistas, formando um semi círculo em torno de Taguaral. Fuzilaria e bombardeio sobre o Destacamento da direita. Também em Taquaral há aviões inimigos. Ainda bombardeio, manhã. Violenta é a fuzilaria. A queimada continua, grossas fumaçadas (...) Com esse desastre, toda a frente é obrigada a recuar, reunindo-se a tropa na vila de Taguaral, perseguida durante o percurso pela metralhadora de um avião e pela fuzilaria cada vez mais próxima. (...) Os últimos tiros da campanha, 18 horas do dia 2 de Outubro. É com pesar, portanto. que são recebidas as ordens de retraimento para Pilar. Pequena parada em São Miguel Arcanjo, são 23 horas. Pilar, com os últimos caminhões de tropa chegando às 2h30 do dia 3."

Na data da rendição dos paulistas, em 2 de outubro, no início da noite, ainda estavam trocando tiros com a tropa getulista em Taquaral Abaixo, só arredando pé da posição após ordem do seu comandante. Foram deles os últimos tiros da Revolução, como descreveu o Capitão Alves Bastos:

(...) Muitas horas depois de comunicada às tropas as sombrias notícias do momento, combatia-se ainda! Como as vísceras de certos animais repletos de vitalidade, palpitava ainda no rincão distante de Taquaral Abaixo, o espirito de luta dessa mocidade

estuante de brasilidade que, no Batalhão 14 de Julho, deveria dar os últimos tiros da campanha..."

O livro "Cruzes Paulistas" menciona três soldados que morreram em batalha no Taquaral Abaixo: Paulo Ferreira de Sá, que "morreu em Taquaral, nas margens do Paranapanema no Setor Sul de operações, em consequência de ferimento produzido por tiro de fuzil, no dia 27 de Setembro"; Pedro Viviani que "tomando posição no Setor do Taquaral, próximo a Capão Bonito. Ali combateu valentemente até dia 21 de Setembro, data em que, alcançado por uma rajada de metralhadora, teve morte rápida, que interrompeu a ligação que ele realizava, de uma trincheira a outra, em frente batida e visada pelo adversário". Mencionase ainda a morte de um alemão que exercia a função de mecânico, de nome Willy Scheerschmidt: "Muitos foram os estrangeiros que, não podendo conter a onda de entusiasmo que ia por todo o Estado de São Paulo, se integraram ao movimento e lhe deram pleno apoio e solidariedade. Willy Scheerschmidt, incorporado ao Batalhão Bandeirantes, que ficou adido ao 10° Batalhão de Caçadores da Reserva. Sob o comando do capitão Alexandre Poludarow, partiu para o Setor Sul. Lutou com o denodo dos legítimos soldados constitucionalistas, tendo, no entanto, morte instantânea, varado por uma rajada de metralhadora, juntamente com alguns de seus companheiros, inclusive seu valente comandante, no dia 28 de Setembro, em Taguaral, no referido setor".

No ano de 2.015, foi inaugurada no bairro, uma placa em homenagem aos paulistas que ali tombaram, aos defensores da última trincheira do Setor Sul.

Um tiro pela culatra, crônica do prof. Juraci Chagas



FREGUESIA VELHA MUSEU DA IMAGEM. Trincheira paulista guarnecida por soldados, Capão Bonito/SP, nos arredores do Rio das Almas, no denominado "Setor Sul" de combate.

Data provável: início de set1932. Acervo: Netta Melo/Guardiões de 32.

Transcrevemos aqui uma crônica do professor Juraci Chagas, publicado no livro "...Daqui d'aldeia - A Crônica Capão-bonitense", editado por Rogério Machado.

Esta crônica, com um toque humorístico, está baseada na experiência vivida na infância do professor Juraci, em fins da década de 50, quando morava próximo ao bairro rural Mato Pavão e brincava no sítio de seus pais, nas travessas e buracos cavados nas trincheiras da Revolução de 32, que ainda estavam ali a olhos vistos.

"Um tiro pela culatra

Dos meus tempos de criança, vividos na zona rural, trago uma recordação não muito honrosa.

Minha família possuía uma pequena venda — local onde se comercializava alguns produtos essenciais — na beira da estrada entre Capão Bonito e Itapetininga, sudoeste de S. Paulo. Além desses, ficaram em minha infantil memória outros referenciais: nossa venda ficava localizada num ponto de equidistância entre o Rio Paranapanema e o Rio das Almas. Para o pequenino mundo em que a gente vivia, esses cinco quilômetros aproximados entre um rio e outro parecia a distância atual entre o Atlântico e o Pacífico.

Havia muita mata na região e os poucos vizinhos moravam bem distantes.

Lembro-me ainda das nossas aventuras: meu irmão mais velho e eu brincando num verdadeiro parque ecológico, procurando buracos de tatu, correndo atrás de corujas e chanchãs, caçando mamangavas, atrás de frutinhas do mato e, principalmente, procurando o nosso grande tesouro: balas, projéteis e pedaços de artefatos de guerra encontrados aos montes nas velhas trincheiras da Revolução de 32, que praticamente circundavam a nossa casa.

Mas é aqui que a história toma um rumo diferente... e o falso tesouro quase que se torna a minha ruína...

Num certo dia, brincando com as balas de fuzil de minha coleção, sofri um pequeno acidente: segurava um dos projéteis na boca e, num pequeno erro de respiração, acabei engolindo-o. Foi um Deus nos acuda geral!

Bateram-me nas costas, viraram-me de ponta-cabeça e acabaram por me dar todos os purgantes possíveis e imagináveis.

Resultado: depois de uma noite de intensas escaramuças em casa e de violentas revoluções intestinais, tudo acabou como na Batalha de Itararé — sem vítimas!

No dia seguinte, só não me lembro bem se atrás da bananeira ou no velho penico de guerra, estava a prova do último tiro dado na Revolução de 32: UM TIRO PELA CULATRA!"

Bar... Baridade!!! Por Cornélio Pires (1.933)

Eis uma verdadeiramente autêntica: Em Capão Bonito reunidos no Largo da Matriz, descreviam-me os saques ali praticados, não tendo ficado nem para modelo uma fechadura de gaveta, porta ou armário. A limpeza foi geral: máquinas de costura, trens de coxinha, balanças e peças de metal, motor elétrico da máquina de benefício de algodão (motor que dizem está em Curitiba), louças, espelhos... Enfim, o que não foi "carregado" foi destruído. Os ingênuos costumam esconder suas coisas nos forros das casas, justamente os lugares mais visados pelos saqueadores... Estes em Capão Bonito até idearam um aparelho simples e curioso, para o "trabalho": uma vara com um gancho na ponta; era só levantar o alçapão e enganchar a vara.

Depois que todos se desabafaram, um professor de escola sertaneja, ali cercado de caipiras, contou-me o que sucedera a sua escola:

- Imagine o senhor: nem a minha escolinha escondida no refego de uma grota, no meio da mata, escapou...
- Pois se incendiaram o grupo escolar de Buri... Lá só restam paredes, ou pedaços de parede.
- Na minha escola a devastação foi completa! Quebraram carteiras, quadro negro, rasgaram livros; carregaram toda a minha roupa, até meu diploma eles carregaram! Fiquei sem diploma!

Um caipira horrorizado interveio:

- Bar... baridade!!! Mecê agora tem de estuda tudo de novo otra vez?!

A Revolução Constitucionalista de 1.932 Por Joaquim Raimundo Gomes



Artigo publicado postumamente no jornal "O Bandeirante", de 07/09/1.986 de autoria de Joaquim Raimundo Gomes, o qual viveu aqueles dias conturbados da Revolução de 32 em Capão Bonito.

Joaquim Raimundo Gomes, "Joaquinzinho", nasceu em Capão Bonito em 23 de janeiro de 1.908. Faleceu em Sorocaba em 31 de outubro de 1.984. Sua vida pública foi brilhante. Residindo em Guapiara, elegeu-se vereador, vice-prefeito e prefeito, mas suas atividades sempre transcenderam aos limites do seu município. Jornalista, escritor e historiador, "Joaquinzinho" deixou para a região um grande legado.

No jornal local "A Gazeta", de 21 de julho de 1.932, há uma notícia

de que "Joaquinzinho" e o sr. Egydio Seabra do Amaral, retornaram à cidade depois de participarem, na capital, no 8º Congresso do Partido Democrático. Sabe-se que o Partido Republicano Paulista e o Partido Democrático de São Paulo, uniram-se, em fevereiro de 1.932, na Frente Única, para exigir o fim da ditadura do Governo Provisório de Getúlio Vargas e uma nova Constituição.

Segue a transcrição do artigo de autoria de "Joaquinzinho":

"A Revolução Constitucionalista de 1.932

Os antigos próceres do Diretório Municipal do "Partido Democrático" de Capão Bonito, Srs. Pedro de Oliveira Ramos, João Venturelli, Capitão Brasilio Antonio Nunes, Abilio Mendes, Alfredo Venturelli, um anônimo, Egídio Seabra do Amaral, de Guapiara, tomaram parte de Convenção realizada na Capital do Palacio Teiçeindaba, nos dias 5, 6, 7 de julho de 1932, quando foi aprovada e constituída a fusão do tradicional "Partido Republicano Paulista" e do "Partido Democrático", então sob a presidência do Prof. Dr. Francisco Morato, com a denominação de Frente Única para juntos combaterem o despotismo de Getúlio Vargas e do grupo dos Tenentes que vilipendiavam São Paulo.

Portanto, através do líder Dr. Marrey Junior, tinham conhecimento do movimento revolucionário que deveria eclodir dentro de poucos dias. Iniciada a Revolução Constitucionalista, foi exonerado do cargo de Prefeito nomeado pela Legião Revolucionaria, o Sr. Emilio Severginini e assumiu a Prefeitura Municipal nomeado pelo Embaixador Pedro de Toledo, "Governador dos Paulistas", o qual além de atender com a bondade que lhe era peculiar, os seus clientes pela inexistência de médico na localidade, durante o dia e noite prestava assistência às forças aqui aquarteladas por cerca de 60 dias. Inicialmente reconstruiu o campo de aviação localizado onde se encontra o Jardim Bela Vista, instalava um Hospital de Emergência no antigo Grupo Escolar, hoje denominado Prof. Jacira Landim Stori, sob a chefia do conhecido cirurgião Piragibe Nogueira, médico do São Paulo Futebol Clube, quem ali atendia todos os feriados de Buri e de Guapiara. Instalou também o MMDC no prédio da esquina da Rua 7 de Setembro e do Largo da Cadeia, precisamente onde se encontra uma repartição do Banespa, dando atendimento às pessoas carentes e refeições aos militares que se encontravam de folga. Assumiu o comando da Praça como Delegado Militar o 1º Tenente Luiz Gonzaga Novelli Junior, natural de Itú, que sediou a seção de extração de salvo-conduto e da Delegacia no antigo prédio da Casa Paroquial, quando era Vigário o Revdmo. Padre Dr. Antonio Brunetti. O Tenente Novelli Junior mais tarde seria genro do General Eurico Gaspar Dutra o Vice-Governador do Estado de São Paulo, conjuntamente com o Governador Ademar Pereira de Barros. O Quartel General das forças rebeldes localizava-se na casa anexa à Farmácia do Sr. Orlando Venturelli, onde funcionava o Telégrafo Nacional, na praça Rui Barbosa onde se encontra o majestoso prédio do Banespa. O comando das Tropas do Setor Sul situava-se no Largo dos Amores, esquina da Rua Julio Prestes, sendo o seu comandante o Coronel Brasilio Tabórda. Outro valente Comandante era o Coronel Pedro de Moraes Pinto, do 8º BCP da Força Pública, que no dia da ocupação das tropas em Capão Bonito, recuou para as trincheiras no Rio das Almas e nesse dia ao entardecer retirou-se também o Prefeito João Venturelli, por determinação superior. Exatamente no instante da ocupação de Capão Bonito pelas forças getulistas, encontravam-se na cidade apenas o Sr. Olegario Antonio de Oliveira, Fiscal da Prefeitura, homem de coragem e muito estimado na zona rural e o Sr. Julio de Souza Galvão, pessoa muito educada e serviçal que era o proprietário da Padaria então existente na esquina das Ruas Quintino Bocaiuva e General Carneiro que continuou servindo às forças e às pessoas que o procuravam. Capão Bonito foi uma das cidades que sofreu sérios danos e prejuízos com bombardeios, saques, etc. e ao término da revolução ocorrido com a assinatura do armistício em 2 de outubro de 1932, entre o General Góis Monteiro e Coronel Herculano de Carvalho, Comandante da Força Pública do Estado de São Paulo. Nessa luta fraticida, Capão Bonito foi invadido por nuvens de mosquitos e pernilongos e os seus solos de excelentes águas estavam repletos de detritos, carniça de carne de porco e de gado, imprestáveis para o consumo de seus moradores, com raras exceções, quando a cidade ainda não era dotada de água encanada e nem de esgotos. As casas estavam todas devassadas, tendo suas portas e janelas arrancadas para servirem nos abrigos contra bombardeios de aviação.

Enfim, a indômita coragem da população em pouco tempo tudo recuperou e hoje a cidade cresce e progride em cultura, comércio, indústria e em todos os setores de atividades."

Padre Antonio Brunetti



Padre Antonio Bruneti (foto extraída do site "Genealogia de José Luiz Nogueira")

Em 1.932, a paróquia Nossa Senhora da Conceição estava sob a liderança do padre Antonio Brunetti. Durante a Revolução de 32, seu ministério em Capão Bonito e na região, foi marcado em prol aos ideais dos constitucionalistas.

Quando eclodiu a Revolução, a 9 de julho de 1.932, o Padre rezou uma missa na cidade de Guapiara, relatando que o povo estava apreensivo com a guerra civil que iniciara.

O exército getulista acusou o Padre Brunetti de "distribuir sanduíches nas trincheiras e acompanhava a tropa". Em telegrama de 14 de julho

enviado ao General dos Constitucionalistas, Klinger, declarou positivamente: "Sacerdote e paulista, ofereço meus serviços causa sagrada redenção querido Brasil".

O soldado José Pacheco diz em seu diário que recebeu uma carta do pai, por intermédio do vigário de Capão Bonito, depois de passar de mão em mão, indicando mais uma vez a colaboração de Brunetti aos paulistas.

Quando Faxina, atual Itapeva, caiu no dia 22 de julho de 1.932, nas mãos dos ditatoriais, o vigário de Capão Bonito, padre Antônio Brunetti, apresentou-se ao Arcebispo Dom Duarte para ser capelão na zona de Ribeira.

Consta que o Padre Brunetti foi recepcionado em Sorocaba, no Bispado, por Dom José Carlos de Aguirre dando notícias dos confrontos em Guapiara, onde ainda resistiam os paulistas. Sabe-se que Dom Aguirre, durante a Revolução de 32, acompanhou indignado o desrespeito à Constituição Federal por Getúlio Vargas. Como escreve o historiador Aldo Vannucchi, Dom Aguirre "(...) com o equilíbrio dos santos, tanto se fez presente em Itararé, na expectativa da mais áspera refrega, como voltou a Sorocaba, tranquilo, no final das escaramuças, num trem de soldados federais, como se nada de mais grave houvesse acontecido. Mas deixou em seu diário fortes repulsas à ação do Governo, que ele chamava de ditatorial."

Quando a tropa federal de Getúlio Vargas ocupou a cidade de Capão Bonito, cogitaram instalar o Posto de Comando, na casa do vigário, sabendo de antemão que o Padre Bruneti apoiava os paulistas.

A 2 de setembro de 1932, consta no diário de Dom Aguirre, que houve uma visita do vigário de Capão Bonito, contando que a cidade caiu e ficou sem viva alma. "Passei a noite em terrível insônia" (citado em "A Revolução dos Paulistas em 1932" de Miguel França).

No Livro Tombo da paróquia local, no mês de julho de 1.932, o Padre escreveu que:

de Maria. O pregador, um tanto severo, agradou bastante. Sendo a primeira vez que via o clero todo da diocese reunido fiquei bastante edificado, com a piedade e recolhimento de tão bons colegas. Dia 8, como de costume, o Sr Bispo rezou a missa, dando a comunhão a todos os seus Padres, cujo rosto se reflectia a alegria santa, mais e melhor testemunho de uma boa consciência. Voltei a 9 para rezar a missa dia 10 em Guapiara.

O povo todo esta apreensivo com as notícias do movimento armado, que explodiu em São Paulo. É noite, faz o terço, reza-se a oração "Deus e Senhor nosso...."

A partir de 20 de julho, o Padre Brunetti relatou os incidentes da guerra:

(...) Dia 20: o aspecto da cidade é desolador: a casa parochial, o posto de comando; as famílias foragidas, soldados e só soldados. Muitas procuram os sacramentos e a igreja: outros, na maioria, o saque e a pilhagem. Notícias desencontradas abatem sempre mais e arrefecem o ânimo dos poucos civis da parochia. O vigário, devidamente autorizado pelo Sr Bispo, entrega a parochia ao Reverendo Novácio Lembo, e segue como capelão, para Apiai e Ribeira."

(...) Agosto e Setembro

Com a queda de Ribeira e Apiai, o vigário volta para Capão Bonito. Vinte ou trinta civis, quando muito, são habitantes e moradores da cidade. Para mais de 3.000 militares ocupam a cidade. A matriz, toda noite, acolhe centenas de soldados, abrigando-os das interpéries da estação. Quasi que impossível a celebração da Santa Missa. Diariamente visitada pelos aeroplanos ditatoriais, a cidade apresenta o aspecto do horror e tristeza, que se estampa no rosto de todos. O archivo parochial, os vazos sagrados, e mesmo os pobres do Asylo, são levados para Itapetininga."

Após o término da Revolução, o Padre Brunetti retorna à Capão Bonito, encontrando a cidade em ruínas, conforme descreve no Livro Tombo:

"Outubro

Capão Bonito, é imagem da tristeza: tudo em ruinas, tudo depredado, saqueado, roubado (...) Voltam as famílias, que encontram as casas completamente vazias, cheio de sujeira e podridão. A vida nesses primeiros dias é simplesmente intolerável (...) nuvens de moscas nos acompanha como praga do Egito. É impossível ainda estabelecer alguma coisa nesta Matriz. Os poucos paroquianos que estão na cidade, mas refeitos do susto porque passaram, tem que lutar agora com a falta absoluta de tudo em suas casas. Na residencia paroquial, alvo predileto desses batalhões (...) nada ficou, tudo arrasado: o que não foi roubado, foi acintosamente destruído. A sala de visitas, foi a cocheira da cavalaria gaúcha.

A depredação da cidade de Capão Bonito com a chegada das tropas getulistas também é confirmada por um próprio integrante do exército federal, Dilermando de Assis, que fala que alguns soldados invadiram as casas a procura de despojos:

"Capão Bonito, como, em regra, toda cidade primitiva, tem numa praça (Rui Barbosa), onde se destacam a sua bela igreja, as principais casas de negócio do lugar: armazéns, hotel, padaria, correio e telégrafo, além da residência paroquial, ficando a Prefeitura atrás da matriz.

Um jardim modesto e algumas casas de boa construção nas oito ruas que daí partem ortogonalmente, sendo que três delas prolongadas pelas estradas de Ribeira (a. S. O.), Buri (a. N. O.) e Itapetininga (a N. E.), constitue o centro da área edificada, que se distende mais para L. Nenhuma rua

calçada – terra vermelha, muros de adobes, casario acachapado, simples, construção rudimentar. Uma boa Santa Casa, na orla L. da cidade e, próximo, o cemitério, descuidado e pobre. Nenhum indício de indústria manufatureira, ou extrativista, salvo o benefício do algodão.

Dos habitantes, ninguém mais do que os signatários, todos blandícias e mesuras, da ata de ocupação – êxodo completo.

O aspecto, como em Buri e em Guapiara, desolador – casas abertas, arrombadas algumas, o interior em desordem. Por toda parte, vestígios de depredação e de pilhagem (— para que o adversário não se valesse dos recursos deixados). Os focos de luz, quebrados; a rede de iluminação, interrompida, e, em consequência, a cidade tetricamente às escuras. Muitos danos inúteis, sem a menor justificativa militar. Em ordem, apenas, em coluna, os caminhões imprestáveis abandonados a um lado da praça.

As tropas vem chegando, ufanas, arrogantes, apesar do desalinho e da fadiga, pelas entradas de Sul e de Oeste. Batalhões sobre batalhões, todos procurando melhor acomodação e partilhar dos despojos deixados pelo inimigo. Torna-se difícil refrear a soldadesca, sedenta de vingança, sequiosa de represálias, ávida de proventos, alucinadamente curiosa e cleptômana. E a alegria do sucesso autoriza certos excessos... Não há como contê-los, por mais disciplinada e por melhor assistida que seja a tropa. O soldado, bisbilhoteiro e solerte, sempre logra frustrar a vigilância dos superiores (em número incomparavelmente menor para poder acompanha-lo em toda parte) e descobre a bebida. A cachaça e o foguete são os dois principais argumentos de seu júbilo.

E a noite decorre rumorosa e sinistra, entrecortada de incidentes disciplinares às vezes gravíssimos... Assim foi também em Capão Bonito. Não foi possível dormir. Pela madrugada, magotes de soldados de todos os matizes e procedências, seguramente facínoras alguns, dando largas aos seus instintos, perambulavam pelas ruas, embriagados, penetrando nas casas abandonadas, rebuscando-as e, arrombando, a coices darmas, as que se achavam fechadas, enveredavam pelas alcovas delirantemente... E assim, ora pernambucanos, ora paraibanos, ora gaúchos iam ter à residência onde instalamos o P. C. do Dest. Boanerges, forçando as portas. Repelidos com energia, só não reagiam porque percebiam tratar-se de oficiais, desaparecendo, então, celeremente, na escuridão das vielas. Alcançando um deles e interpelando sobre o que pretendia quando violentava a porta da cozinha, respondeu cínica e simplesmente:

-Estava passeando..."

Para concluir este capítulo, transcrevemos uma pequena biografia, extraída do livro "Genealogia de uma Cidade – Itapetininga - Volume I", de José Luiz Nogueira:

"Padre Dr. Antonio Brunetti nasceu no dia 17 de novembro de 1901 em Sorocaba-SP. Filho de Nicolau Brunetti e de dona Concepta Bergamo Brunetti. Seus pais eram italianos e faleceram em Sorocaba-SP. São avós paternos: Natae Brunetti nascido na Itália e Josefina Chichuo. Antonio foi batizado no dia 29 de junho de 1902 na Igreja de Nossa Senhora da Ponte em Sorocaba. De acordo com o óbito de seu pai ele teria os irmãos: Rosina, Pascoale, José, Natae, Anita e Aldina. Seria filho numa família com 7 filhos. Após ordenar-se padre foi pároco em Cabrália, Porto Feliz e Capão Bonito. Em 12 de novembro de 1934 veio para a Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga, onde permaneceu até a sua morte em 1º de junho de 1948, tendo sido sepultado na capelinha do cemitério local. Em 4 de junho de 1967 os seus restos mortais foram transferidos para o Jardim interno da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Prazeres."

O Batalhão Come Vaca e os Irmãos Maia (Candoca e Zeca)



Candoca e Zeca

Quando Julio Prestes ganhou a eleição presidencial em 1930, as tropas de Getúlio Vargas impediram sua posse e investiram num golpe militar face o presidente Washington Luis. Na região sul do país, contaram com o auxílio do Coronel José Severiano Maia, que era irmão do sr. Candoca, conhecido proprietário de terras na cidade de Capão Bonito.

Conhecido como Zeca Severiano, morava em Mafra/SC e foi o 1º Presidente do Conselho Municipal daquela cidade. Comandou dezenas de homens, que compuseram um Corpo de Voluntários, chamado de Batalhão Patriótico, que tinha por finalidade fornecer apoio armado às tropas de Getúlio.

Acabou liderando forças militares em municípios catarinenses, como em Brusque e Florianópolis, em outubro de 1930, comandando o 5º Batalhão da Reserva da Força Pública de Santa Catarina. Com Getúlio Vargas no poder, Zeca foi nomeado prefeito de Mafra.

Em 1.932, no início da Revolução Constitucionalista, Zeca chegou a reunir novamente sua tropa, episódio no qual esses voluntários mafrenses ficaram conhecidos como "Batalhão Come Vaca", em função dos constantes saques e requisições suspeitas de adversários políticos, a fim de prover a alimentação dos acampamentos militares.

Não se sabe como reagiu o irmão do Zeca, o sr. Candoca, de estilo mais liberal, já que foi um dos fundadores da Associação Comercial de Itapetininga, região eleitoral afinada com Julio Prestes. Ademais, Candido Severiano Maia, o "Candoca", era filiado no Partido Republicano Paulista de Capão Bonito e juntamente com os correlegionários João Batista Lyria, Justiniano Soares de Andrade, José Basilio Mendes, Pedro Gomes de Almeida, João Messias de Freitas e Calixto Gonçalves de Almeida, orientaram voto para Júlio Prestes para deputado estadual em 1.919.

E assim eram os irmãos Maia, filhos de Ines Coelho e do empresário José Severiano da Maia, tendo o Candoca, o costume de preparar seu chimarrão nas primeiras horas da manhã em sua fazenda em Capão Bonito e seu irmão, Zeca, conhecido como um dos líderes do Batalhão Come Vaca.

Justiça tardia a um herói paulista

Artigo publicado no jornal "O Expresso" por Wagner Oliveira, pesquisador da história da Revolução de 32. Atualmente é Major do 54º Batalhão da Polícia Militar do estado de São Paulo.

Em julho de 1.952 o então Instituto Nacional do Pinho, atualmente conhecido como Instituto Chico Mendes, localizado no Bairro do Fundão, realizou uma homenagem aos Soldados Mortos em batalha na Revolução de 1.932, homenagem que se traduziu na construção de um Túmulo ao "Soldado Otávio Seppi" que na época, imaginava ser um soldado gaúcho, fato que até os dias de hoje moradores do local conhecem como o túmulo do Gaúcho.



Foto da inauguração do "Tumulo do Gaúcho".

Mesmo com o passar dos anos, o símbolo mais claro da guerra é o túmulo de um soldado erguido onde ele morreu, dentro da Floresta Nacional. Curiosamente, a homenagem foi prestada a um soldado considerado inimigo pela população local, Otávio Seppi, que era gaúcho.

Trecho do antigo Jornal **TánaMão**, onde afirma que o Otávio Seppi era gaúcho.

Acontece que o destino colocou em minhas mãos, documentos que atestam a verdadeira história do Soldado Otávio Seppi que foi enterrado como gaúcho, mas na verdade era paulista e combatente do Exército Constitucionalista.

A história da morte do Soldado Otávio Seppi, pertencente ao Batalhão 14 de Julho, está descrita em relatos constantes no livro "14 de Julho" e no livro de Memórias do então Comandante da Força Pública (atual Polícia Militar) Herculano Silva, bem como seu nome está no rol de soldados do Exército Constitucionalista arquivado no Museu da Policia Militar.

Octacílio Costa Maia Octávio Albuquerque Octávio Antenor Octávio Camargo Lima Octávio Junqueira Neto Octávio Queiroz Matoso Octávio S. Porto Octávio Seppi Odair Lobo Odilon Silveira Odorico Nilo Menin Olavo Leonel de Barres Olavo Pinto de Moraes Olavo Rolim Thury Olegário Fernando de Souza Olegário Santos

Lista por Ordem Alfabética dos Soldados do Batalhão 14 de Julho onde se observa o nome do Soldado Otávio Seppi. Fonte Museu da Policia Militar do Estado de São Paulo.

Segundo boletins de batalha da época e relatos, a morte do Soldado Otávio Seppi transcorreu da seguinte forma: O Batalhão 14 de Julho, bem como o 8º Batalhão de Caçadores Paulistas (atual 22º BPM/I sediado em Itapetininga), Batalhão de Bombeiros, Regimento de Cavalaria Rio Pardo e a famosa Legião Negra, estavam entrincheirados no local denominado "Chácara do Alemão". No dia 15 de Agosto de 1932, às 16 horas, as tropas gaúchas que estavam em Buri iniciam um forte bombardeio de artilharia pesada com canhões de 105 mm e de campanha com canhões de 75mm contra as trincheiras paulistas montadas a quase seis quilômetros de Buri. Documentos atestam que mais de mil projéteis foram lançados em direção as trincheiras onde estavam as tropas paulistas somente na noite do dia 15 para 16 de agosto de 1932. Na região do Fundão foi montado uma área de reserva para as tropas que estavam lutando na região da Chácara do Alemão, porem no amanhecer do dia 26 de Agosto, tropas de batedores gaúchos conseguem atravessar o rio Apiaí Mirim e iniciar avanço pela retaguarda contra as tropas paulistas que estavam no subsetor da Chácara do Alemão. Na tarde do dia 26 de Agosto de 1932 o Soldado Otavio Seppi recebe ordens de levar de caminhão os mantimentos e a correspondências para as tropas entrincheiradas na "chácara do Alemão", porém logo após recebimento da ordem, o soldado foi alertado que tropas gaúchas tinham sido avistadas na estrada de rodagem Capão Bonito-Buri na retaguarda do Batalhão "14 de Julho", e que a entrega de mantimentos estava suspensa pela rodovia até segunda ordem. O Soldado decide, mesmo diante do perigo de encontrar tropas inimigas, realizar um contorno fora da estrada de rodagem, pelo interior, onde agora é o antigo IBAMA e chegar até as tropas que estavam lutando ainda sem tomar café e almoçar, porém, na altura da colina onde esta o túmulo do Soldado, o caminhão guiado por Otávio Seppi foi alvo de uma emboscada feita por tropas gaúchas e o Soldado Otávio Seppi foi alvejado por diversos tiros de fuzil e morre no local. A emboscada que tirou a vida de Otávio Seppi serviu de alerta para o Batalhão "14 de Julho" que ao ouvirem os tiros em retaguarda descobrem que tropas gaúchas estavam infiltradas na linha.

As tropas gaúchas que mataram Otávio Seppi foram cercadas na região do IBAMA e dizimadas pelas tropas paulistas. Calcula-se que foram em torno de 100 homens mortos. Fato que entendo que levou moradores do local a acreditar que o soldado Otavio Seppi era gaúcho e não paulista.

O Túmulo do Soldado Otávio Seppi está até agora no local, sendo cuidado por funcionários do Instituto, porém agora não mais poderemos chamar aquele túmulo de Túmulo do Gaúcho e sim túmulo de um Herói Paulista que, mesmo diante das dificuldades, não hesitou em fazer o que era certo.



Tumulo do Soldado Paulista Otávio Seppi

Cruzes do Sul, artigo de Wagner Oliveira publicado no Jornal "O Expresso" em 2013

Vai-se longe a data de 09 de julho 1.932, passaram 81 anos desde que o povo de São Paulo saiu para as ruas e depois para as trincheiras clamando por uma nova Constituição Federal. Muito já foi dito sobre a Revolução de 1932 mas, infelizmente, muitos desconhecem o que se passou nos frios meses do citado ano.

Historiadores afirmam que mais de três mil homens morreram na Revolução de 1.932, muitos dos jovens mortos, perderam suas vidas em nossas terras. Locais como Pinhalzinho, Ferreira dos Matos, Taquaral, Alegre de Baixo, Fazenda Santa Inês, IBAMA, Camilos, Mata do Pavão, Fundão e etc. São, além de bairros, verdadeiros campos de heróis, onde se lutou e perdeu-se a vida. Muitos jovens mortos foram resgatados, porém, alguns permaneceram no último e derradeiro túmulo de heróis, a trincheira. Vários túmulos se perderam em razão do tempo, porém, alguns foram cuidados por moradores locais e até agora permanecem como testemunhas de um período que nunca devemos esquecer.

Para citar apenas dois exemplos. No bairro Mata do Pavão, preservou-se até os dias de hoje, graças à boa vontade de moradores, como senhor "Gordo Sudário", a Cruz do Mário.



Muitos moradores do local afirmam que o pobre Mario morreu nos últimos dias da Revolução. Os anos se passaram e por um acaso do destino, a história veio a revelar que a Cruz do Mario, era na verdade a cruz do Soldado Mario Leme Walter, que se apresentou como voluntário no Exército Constitucionalista em meados de julho, sendo destacado para servir no Batalhão Fernão Salles que, sob o Comando do valoroso Capitão Honório de Castro, partiu para a defesa do Setor Sul. Em meados de setembro, a situação do setor sul era perigosa, Capão Bonito estava em poder dos ditatoriais e Mario defendia o avanço das tropas federais para além do Rio das Almas.



A morte do herói foi descrita da seguinte forma:

"O inimigo avançava. A munição diminuía. Esgotaramse os pentes do 2 F.M (fuzil metralhadora)., que eram as suas únicas armas automáticas. Para não as entregar ao inimigo, foi destacado o soldado Luiz Viegas, apelidado "Matto- Grosso", o qual rastejou mais de 500 metros, sob um terrível fuzilaria, até alcançar a crista topográfica do terreno, para leva-las ao batalhão que passava para a margem direita do rio. Ficaram 7 soldados com fuzis comuns. Num dado momento o inimigo aproximou-se, cerrando fuzilaria sobre a única trincheira que ainda impedia seu avanço. Foi quando recebeu uma bala na cabeça o bravo soldado Mario, que se tornara comandante natural dos companheiros. Já não era possível, nem aconselhável mais resistência. A guarnição rendeu-se. Seis soldados foram levados presos para Capão Bonito, onde se achava o Q.G. do inimigo. Os adversários enterraram na própria trincheira o seu valente defensor, e dois dias depois colocaram uma cruz com os seguintes dizeres: -- Aqui jaz um heroico paulista, morto em defesa desta trincheira, quando luctava pela causa que abraçou. 21 de Setembro 1932 (grifo nosso). Homenagem do pessoal da 1ª Secção da 2ª Companhia do 5º R.A.M. Rio Grande do Sul, Santa Maria. Esta cruz foi mandada confeccionar e colocar aqui pelo tenente comandante da seção acima referida".

Outro bairro, que ainda preserva o túmulo de um combatente de 1.932, está no Bairro do Taquaral, mais precisamente na Estrada que liga Capão Bonito ao Bairro do Taquaral.





Nessa pequena lápide, ficou preservada a memória do Soldado Ângelo Justo, digo a memória, pois moradores afirmam que o Exército Brasileiro transladou o corpo para a cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

A morte de Ângelo Justo, se deu em 20 de setembro de 1.932, numa fria manhã, quando o grupo do soldado Ângelo deslocava para realizar um ataque em direção ao bairro do Taquaral, porém devido a forte neblina os soldados resolveram montar acampamento em um descampado e esperar até que o dia ficasse mais claro. Porém um avião paulista percebeu o acampamento e lançou suas bombas, ficando no chão os restos dos Soldados Pedro Batista de Carvalho, Carlos Mariano Coelho, José Vargas e de Ângelo Justi, todos do 14º Batalhão de Caçadores do Rio Grande do Sul. Devido aos constantes ataques aéreos no setor, os companheiros dos soldados mortos não conseguiram resgatar os restos mortais de Ângelo, permanecendo somente este em vala comum, sendo posteriormente enterrado por moradores do local.

Os dois exemplos acima, mostram bem o que representou a Revolução de 1.932, a luta entre irmãos, que não se odiavam, mas defendiam suas opiniões de maneira extrema, porém na tristeza da morte, voltavam a se comportar como irmãos. Os exemplos acima demonstram tal respeito; onde o Soldado Paulista Mario Leme Walther foi enterrado por gaúchos e o Soldado Gaúcho foi enterrado por paulistas.

O espírito de 1.932 ecoa em nosso tempo e cabe a nossa geração mantê-lo sempre vivo. "Sustentae o fogo, que a vitória é nossa".

Exumação de soldados constitucionalistas



Foto do Cemitério Sagrado Coração de Jesus, 1964. Foto garimpada pelo pesquisador Antonio Ozi Galvão para o "Museu da Imagem Freguesia Velha"

Em 1.964, o governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, mediante decreto, autorizou o sepultamento dos despojos de quatro heróis não identificados e exumados em Capão Bonito, no Monumento ao Soldado Constitucionalista, no Ibirapuera, na Capital do Estado.

DECRETO N. 43.479, DE 26 DE JUNHO DE 1964

Autoriza o sepultamento de despojos de participantes do Movimento Constitucionalista de 1932 no Monumento do Soldado Constitucionalista ADHEMAR PEREIRA DE BARROS, GOVERNADOR DO ESTA-DO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais, e,

Considerando que é dever do Estado prestar solidariedade às comemorações cívicas e homenagear os que tombaram na luta por um ideal;

Considerando que os cidadãos Benone Cardoso - Voluntário do 1.º Batalhão da Liga de Defesa Paulista, Dagoberto Fernandes Gasgow - Voluntário do 2.º Batalhão de Engenharia do M.M.D.C, Emilio Ribas - Voluntário do Tiro Naval de Santos, Gastão Goulart - General do Exército Nacional, Geraldo Benedito da Silva - Voluntário do Batalhão Henrique Dias da Legião Negra, Gilberto Marcondes Machado - Voluntário do Batalhão Funcionários Publicos, José Levotte Grottera - Voluntário do Batalhão Borba Gato, Luiz Gonzaga D'Avila - Voluntário dos Batalhões Arquidiocesano e Pais Leme, Virgílio Ribeiro dos Santos - Coronel da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, além de quatro heróis não identificados e exumados em Capão Bonito, participaram do Movimento Constitucionalista de 1932 e perderam a vida nessas circunstancias, conforme relação fornecida pela Sociedade Veteranos de 32 - M.M.D.C. - tornando-se assim merecedores do mais alto respeito público;

Considerando que, para reverenciar os mortos, dignos de homenagem excepcional, é usual o sepultamerto dos seus despojos em monumentos que visam perpetuar os acontecimentos históricos em que tomaram parte,

Decreta:

Artigo único - Fica autorizado o sepultamento dos despojos dos cidadãos Benone Cardoso, Dagoberto Fernandes Gasgow, Emilio Ribas, Gastão Goulart, Geraldo Benedito da Silva, Gilberto Marcondes Machado, José Levotte Grottera, Luiz Gonzaga D'Avila, Virgílio Ribeiro dos Santos, além de quatro heróis não identificados e exumados em Capão Bonito, no Monumento ao Soldado Constitucionalista, no Ibirapuera, na Capital do Estado.

Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, aos 26 de junho de 1964. ADHEMAR PEREIRA DE BARROS

Referências bibliográficas:

1932 – A Guerra Civil Brasileira, Stanley Hilton. Editora Nova Fronteira, 1982.

A Epopeia – Aureo de Almeida Camargo, edição digital, acesso em https://rc32.itapetininga.com.br/pdf/epopeia85.pdf - Edição digital acessado no Portal Paulistas de Itapetininga em 11/02/202.

"A Gazeta", edição de 21/07/1932, com direção de Waldomiro Gurgel – arquivo digitalizado no acervo do jornal "O Expresso".

A Revolução de 32 – Hernani Donato, Círculo do Livro S.A., 1982

Batalhão 14 de Julho – Augusto de Souza Queiroz - Edição digital Comemorativa dos 80 anos da Revolução Constitucionalista de 1932 - Edição digital acessado no Portal Paulistas de Itapetininga em 11/02/2025: https://rc32.itapetininga.com.br/pdf/b14dejulho85.pdf

Botucatuenses no Setor Sul – Sebastião Almeida Pinto – edição digital - acesso em http://www.ybytucatu.net.br/historia/LivrosETextos-Arquivos/Botucatuenses.html - 11/03/2.025

"Carne para Canhão! O front m 1932", Clovis Gonçalves, Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

"Cruzes Paulistas", edição digital, acessado no Portal Paulistas de Itapetininga em 11/02/2022.

"...Daqui d'aldeia - A Crônica Capão-bonitense", editado por Rogério

Machado, 2009 – acesso em https://pt.scribd.com/document/616159153/ Capao-Bonito-Livro-Daqui-d-Aldeia-Miolo-Versao-Grafica-cdr-1

Diário de Campanha – Edição digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo – Cilineu Braga Magalhães, E-book, Itapetninga/SP, Gráfica Regional, 2019. Acesso em 11/02/2025: https://rc32.itapetininga.com.br/pdf/diario32digital.pdf

Diário de Campanha do Soldados Mario de Barros Messias – Voluntário itapetiningano do Batalhão 14 de Julho – Edição digital acessado no Portal Paulistas de Itapetininga em 11/02/2025: https://rc32.itapetininga.com.br/pdf/diariombmessias.pdf

"Diário revela entusiasmo de combatente em 32", matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo" de Carlos Eduardo Entini, em 09/07/2013, acesso no site do jornal em 11/02/2025: http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,diario-revela-entusiasmo-de-combatente-em-32,9142,0. htm

"Guardiões de 32", página acessada na página do facebook.

Jornal "O Bandeirante", edição n. 1294, de 30 de agosto de 1.986.

Jornal "O Bandeirante", edição n. 1295, de 07 de setembro de 1.986.

Livro Tombo da paróquia Nossa Senhora da Conceição do município de Capão Bonito – pesquisa indireta de Wagner de Oliveira - Transcrição de parte do Livro do ano de 1.932

O Pé no Chão – O pé de palmeira no chão de São Paulo – Nicolau Mendes – Edição digital – Associação dos Amigos do Museu da Brigada Militar – 2.002.

Palmo a Palmo – A luta no Setor Sul, Justino Alves Bastos, Edição digital acessado no Portal Paulistas de Itapetininga em 11/02/2025.

Registros da Revolução 1932 em Capão Bonito SP – youtube – acessado em 11/02/2025 no link https://www.youtube.com/watch?v=837X-

GDlJXHk – trabalhos do professores Maria Janice e Valdeir da Costa Lobo.

Regimento de Cavalaria do Rio Pardo, Meu diário de Campanha, Relato das operações militares desenvolvidas pelo Regimento de Cavalaria na zona Sul, Setor de Capão Bonito — Oswaldo Ribeiro Junqueira, 1ª Edição, São Paulo/SP, editora Revista dos Tribunais, março/1935

"Trem Blindado" - Fernando Penteado Médici, edição digital acessada no Portal Paulistas de Itapetininga em 11/02/202.

"Vitória ou Derrota? — Campanha no Setor Sul de São Paulo em 1932 — Dilermando de Assis, Edição Digital Comemorativa dos 90 anos da Revolução Constitucionalista de 1932, Rio de Janeiro/RJ, Calvino Filho, 1936

Jornal "Gazeta, São Paulo, 05.09.1932" citado em "Os pérolas Negras": A participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1.932", de Petrônio José Domingues – 2003 – Portal Periódicos da UFBA - acesso em 19/02/2025: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21058/13655

Sociedade dos Veteranos de 32 – página virtual no Facebook em https://www.facebook.com/mmdc32 - acessado em 28/02/2025.

"Giro pelos bairros – Bairro Apiaí Mirim - 1ª Temporada, canal Agora TVv no youtube, acesso em 28/02/2025 em https://www.youtube.com/watch?v=jWE5AXGfQ38

"Giro pelos Bairros – Bairro Taquaral Abaixo - 1ª Temporada - parte 2 – canal: Agora TV no youtube – acesso em 19/03/2025 em https://www.youtube.com/watch?v=TjlVu1IB42M

Freguesia Velha Museu da Imagem – página virtual no Facebook.

Registros da Revolução 1932 em Capão Bonito SP - canal youtube Reverse – trabalho dos professores Valdeir e Janice, com alunos na escola rural "E.M. Governador André Franco Montoro" – acesso em 08/03/2025 https://www.youtube.com/watch?v=837XGDlJXHk "Almanaque" do Barão de Itararé, 1949. Charge do capão-bonitense Pedro Lara Dante.

A Revolução dos Paulistas em 1932 - por Miguel França de Mattos – edição digital em https://rc32.itapetininga.com.br/pdf/setorsul90anos. pdf - acesso em 09/03/2025 - Portal Paulistas de Itapetininga

Dom Aguirre, artigo de Aldo Vannucchi, publicado no jornal "O Cruzeiro do Sul" em 25/04/15, edição digital acessada em 09/03/2.025 em https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/606460/dom-aguirre

Informação da ficha do Museu Coronel David Carneiro: "Estilhaços de bomba de avião paulista no bombardeio (único havido) de Capão Bonito. Foram jogadas 8 bombas, destruindo 4 casas". Revolução de 32. Doador: J.B. Groff, 1932. Acesso em 09/03/2.025 em https://www.memoria.pr.gov.br/acervo/130511

"Chorando e Rindo" – Cornelio Pires em Revista "A Cigarra", Hemeroteca, Arquivo Nacional - Revista "A Cigarra", número 436, Anno XIX, São Paulo, 28 de fevereiro de 1933, na seção "A página do Cornélio Pires"

"Revivendo 32 - Exumação de um Diário de Guerra" - José de Assis Pacheco - edição digital - acesso em 10/03/2025 em https://rc32.itapetininga.com.br/pdf/revivendo32.pdf - Portal Paulistas de Itapetininga

"Missões de cavalaria nos combates do oeste" - Entrevista para o jornal "O Estado de S. Paulo", edição de 09/07/1959.

Genealogia de uma Cidade – Itapetininga - Volume I, Jose Luiz Nogueira, acessado em https://jlnogueira.no.comunidades.net/antonio-brunetti-padre

A tropa que não combateu: O Batalhão "Come-Vaca" - Fonte: Fábio Reimão de Mello (Professor e historiador) | Publicado em 20/11/2013 - acesso em http://www.guiariomafra.com.br/a-tropa-que-nao-combateu-o-batalhao-%E2%80%9Ccome-vaca%E2%80%9D na data de 18/03/2025.

Fundação Getúlio Vargas – arquivo digital - CPDOC - Arquivo Getúlio Vargas - GVa 1932-09-26/1, data 26 a 27/09/1932.

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Acesso no link: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1964/decreto-43479-26.06.1964.html - acessado em 30/06/2025.